

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS – FCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MATEUS JANÚ DE LIMA

**DO QUE SÃO FEITAS AS VIAGENS?  
PENSAMENTOS SOBRE AFETOS E DESLOCAMENTOS**

DOURADOS - MS  
2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD  
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS – FCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

MATEUS JANÚ DE LIMA

**DO QUE SÃO FEITAS AS VIAGENS?  
PENSAMENTOS SOBRE AFETOS E DESLOCAMENTOS**

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Federal da Grande Dourados para obtenção do título de Mestre em Geografia no Programa de Pós-graduação em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Jones Dari Goettert

DOURADOS - MS  
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

L732d Lima, Mateus Janú de

Do que são feitas as viagens? Pensamentos sobre afetos e deslocamentos [recurso eletrônico] /Mateus Janú de Lima – Dourados: UFGD, 2023.

Arquivo em formato pdf.

Orientador: Jones Dari Goettert.

Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados, 2022.

Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:

<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Deslocamentos. 2. Lugar. 3. Viagem. 4. Afetos. 5. América do Sul. I. Goettert, Jones Dari. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitida a reprodução parcial desde que citada a fonte.

**DO QUE SÃO FEITAS AS VIAGENS?  
PENSAMENTOS SOBRE AFETOS E DESLOCAMENTOS**

Banca examinadora

---

Prof. Dr. Jones Dari Goettert  
(Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal da Grande Dourados)  
Orientador e Presidente da Banca

---

Prof.a Dr.a Juliana Grasiéli Bueno Mota  
(Programa de Pós-Graduação em Geografia – Universidade Federal da Grande Dourados)

---

Prof. Dr. Alex Dias de Jesus  
(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí – Campus de São Raimundo  
Nonato)

Dedico este trabalho a todas e todos  
que dispuseram a se deslocar.

## AGRADECIMENTOS

O momento de escrever os agradecimentos foi, na minha graduação, e possivelmente será agora, um momento de grande emoção diante do trabalho. Isso porque lembro de pessoas, que são aquilo que faz as coisas valerem a pena. Lembro, ao escrever os agradecimentos, de momentos. Não é algo mecânico, mas afetivo.

Agradeço, em primeiro lugar, aos meus pais. Eles sempre me incentivaram a estudar. Também me apoiaram nas minhas decisões, mesmo que muitas vezes fossem contra. Deram-me suporte apesar de pensarem diferente de mim. Deram-me o que não tiveram. Deram-se a confiança. Deram-me o que precisei e o que preciso. Obrigado Celestina Janú de Lima e Luiz Alberto Antun de Lima.

Agradeço aos demais membros da minha família. As minhas irmãs Karly, Gabriela e Rafaela, cada qual a sua maneira, foram essenciais durante o percurso do mestrado. À minha irmã Karly e ao meu cunhado Leandro, outro agradecimento por me acolherem em sua casa quando retornei da minha viagem e necessitava de apoio. Meus sobrinhos Arthur e Otávio, que me dão forças, também merecem meus agradecimentos.

Um agradecimento especial, também, devo a uma família muito querida. Não é minha família, apesar de eu considerá-la assim, às vezes. Mas é a família de alguém. É a família de uma pessoa muito importante para mim. E eles também são muito importantes para mim, agora. É esperado que a nossa família nos acolha, nos instrua e nos dê suporte quando precisamos, mas muitas vezes não é esperado que outras famílias, que não são a nossa, façam isso por nós. Enquanto algumas pessoas não têm, infelizmente, uma família que corresponda ao esperado, eu tive mais essa, além da minha. Quando eu mais precisava de apoio e estava bem longe de casa, representando, sob alguma perspectiva, até mesmo um problema para ela, acolheu-me. Isso não sai da minha cabeça. Não tenho palavras para expressar o valor do que essas pessoas fizeram por mim. Sou, por isso, eternamente grato a elas. Poucas vezes me senti tão acolhido. São amigos de valor inestimável. Quem sabe algum dia, eu possa retribuir o que fizeram por mim, mas por enquanto não imagino como atingir essa magnitude. Por enquanto, o que consigo é reconhecer e expressar o que eles significam para mim e para o meu trabalho. Muito obrigado Andréa Espadim, dona Elizabeth Correa Espadim, Gislaine Espadim, Paulo Borges, Mariana e Arthur Espadim Borges. Vocês são o que me faz não querer esquecer aquele período final de 2021. Muito obrigado!

Também devo agradecimentos à algumas pessoas com as quais não possuo contato, mas que cruzaram meu caminho durante esse percurso. Em especial aos participantes da Feira da Amizade de Laguna - SC, que através de um ato coletivo de altruísmo, fizeram-me querer continuar a minha viagem de Kombi. Em especial, também, a um pai de santo umbandista de Uruguaiana - RS, do qual sequer lembro o nome. Quem me conhece sabe que não sou religioso e sequer creio em deuses, mas a convite de uma pessoa à qual já agradei aqui fui ao terreiro de umbanda onde fui muito bem recebido, e tive uma conversa franca sobre a vida e recebi conselhos valiosos do sujeito perspicaz e empático, os quais me fizeram muito bem segui-los.

Algumas outras pessoas também me receberam em suas casas durante o período em que eu viajava. Devo agradecer o amigo de longa data Renato que me recebeu em Francisco Beltrão - PR, o Arthur que me recebeu em Porto Alegre - RS, e em especial o Evandro e a Valentina que me receberam em Florianópolis - SC. Em especial a esses dois últimos porque fiquei um tempo maior em Floripa, o que possibilitou conhecê-los melhor e descobrir as pessoas lindas que são.

Existem também alguns amigos e amigas que em hipótese alguma poderiam estar fora de meus agradecimentos. Obrigado Alex, Letícia, Yuri e Matheus pelo de sempre. Muito obrigado também a Solange Beatriz, que abriu as portas de sua casa para mim, sobretudo nos momentos difíceis. Solange e Yuri foram excepcionais quando a minha saúde mental não estava “lá aquelas coisas”, como no primeiro ano de pandemia, no qual muitos de nós passamos em isolamento, ou quando voltei do Sul no início de 2022.

Não posso esquecer também de agradecer à banca. Sim, à banca! Obrigado ao meu orientador Jones Dari Goettert, pelas orientações não somente em relação ao trabalho, mas também nos momentos nos quais depois de “sumir no mapa”, eu aparecia desesperado devido à ansiedade em não ter avançado e por achar que meu trabalho não fazia sentido algum, e você com paciência, me mostrava que eu estava apenas “viajando”. Obrigado à Juliana Grasiéli Bueno Mota, que admiro muito como pessoa e pesquisadora, e que às vezes me dá medo devido à seriedade e empenho que dedica à universidade. É claro, para mim, que você entende como poucos o valor que ela tem para a vida. Além disso, sua sensibilidade me inspira muito. Ao Alex Dias de Jesus, que pouco tive contato, mas que também pude perceber a dedicação que tem para com a pesquisa e as pessoas. Se mostrou empático e acessível, assim como a Juliana e o Jones, quando, de forma bastante inconveniente, por minha responsabilidade, a banca de qualificação foi marcada para o dia 30 de dezembro. Entendeu a situação atípica, aceitou participar e deu sugestões de grande valor ao meu trabalho. Todos vocês deram. Muito

obrigado! Vocês são, antes de profissionais, pessoas — ou gentes, como gostam de dizer — que fazem toda a diferença na academia.

Agradeço ainda a todas aquelas e aqueles que me proporcionaram uma conversa, um momento, uma troca de ideias que me possibilitou refletir sobre o que sou, sobre o que produzo, sobre o mundo, e que, se não diretamente, ao menos indiretamente, fazem parte deste trabalho.

Por fim, gostaria de agradecer à Universidade Federal da Grande Dourados, ou seja, professores, técnicos e outros trabalhadores e trabalhadoras que a fazem, em especial aos do Programa de Pós-Graduação em Geografia. Também à Fundação de Apoio ao Desenvolvimento do Ensino, Ciência e Tecnologia do Estado de Mato Grosso do Sul (Fundect) que financiou a minha pesquisa, meu muito obrigado.

A todos e todas, assim como aqueles que eventualmente eu tenha esquecido de citar, sou grato por tê-los encontrado nesse percurso!

*“Faz tempo que ninguém canta uma canção falando fácil  
Claro-fácil, claramente das coisas que acontecem todo dia  
Em nosso tempo e lugar  
Você fica perdendo o sono  
Pretendendo ser o dono das palavras  
Ser a voz do que é novo  
E a vida, sempre nova, acontecendo de surpresa  
Caindo como pedra sobre o povo*

*À tarde  
Quando eu volto do trabalho  
Mestre Joaquim pergunta assim pra mim  
Como vão as coisas?  
Como vão as coisas, menino?  
E eu respondo assim*

*Minha namorada voltou para o norte  
Ficou quase louca e arranhou um emprego muito bom  
Meu melhor amigo foi atropelado, voltando para casa  
Caso comum de trânsito  
Caso comum de trânsito”*

Belchior

## RESUMO

O mundo e tudo o que há nele se constitui em um movimento ininterrupto, tanto do ponto de vista material como imaterial. As viagens, por sua vez, são também deslocamentos de ambos os aspectos da vida. Esse constante movimento impõe o cruzamento de diferentes trajetórias, que por sua vez constroem um emaranhado de situações geográficas únicas que produzem constantemente o espaço. Propomos compreender, a partir de análise fílmica e de trabalho de campo que constituiu uma viagem pelo Sul do Brasil, como as subjetividades são parte importante dessa produção contínua de geografias. Isso se dá pelo fato de, muitas vezes, as subjetividades serem deixadas de lado nas pesquisas, que encontram nas questões objetivas maior possibilidade de tangenciar questões relativos ao espaço. Os movimentos, sentimentos e afetos, por sua vez, são questões menos propícias à mensuração e delimitação. Os filmes escolhidos são: *Família rodante* (2004); *Andarilho* (2006); *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2009) e *Diário de motocicleta* (2004), e têm como tema viagens pela América do Sul, assim como o trabalho de campo. A partir desses materiais, trouxemos questões que, ao invés de serem taxativas e representarem uma visão de espaço fechado em si, são abertas e se apresentam como possibilidades. Não tivemos a pretensão de dar uma resposta inquestionável sobre o tema, pois isso representaria o oposto daquilo que buscamos. Propomos que os deslocamentos e, sobretudo, as viagens, podem ser vistas como muito mais do que mero movimento sobre a superfície, mas uma intensa troca entre todos os agentes que se encontram nesse constante movimento.

**Palavras-chave:** Deslocamentos; lugar; viagem; afetos; América do Sul.

## ABSTRACT

The world and everything in it are constituted in an uninterrupted movement, both materially and immaterially. Travels, in turn, are also displacements of both aspects of life. This constant movement imposes the crossing of different trajectories, which in turn build a tangle of unique geographical situations that constantly produce space. We propose to understand, from film analysis and field research that constituted a trip through the South of Brazil, how subjectivities are an important part of this continuous production of geographies. This is because, many times, subjectivities are left aside in research, which finds in objective issues a greater possibility of tangential issues related to space. The movements, feelings, and affections, on the other hand, are issues less prone to measurement and delimitation. The films chosen are: *Família rodante* (2004); *Andarilho* (2006); *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2009) and *Diário de motocicleta* (2004), and have as their theme travel in South America, as well as fieldwork. From these materials, we brought questions that, instead of being taxative and representing a vision of a space closed in itself, are open and present themselves as possibilities. We did not intend to give an unquestionable answer on the subject, as this would represent the opposite of what we seek. We propose that displacement, and especially travel, can be seen as much more than mere movement on the surface, but an intense exchange between all the agents that find themselves in this constant movement.

**Keywords:** Displacements; place; travel; affections; South America.

## RESUMEN

El mundo y todo lo que hay en él está constituido en un movimiento ininterrumpido, tanto material como inmaterial. Los viajes, a su vez, son también desplazamientos de ambos aspectos de la vida. Este movimiento constante impone el cruce de diferentes trayectorias, que a su vez construyen una maraña de situaciones geográficas únicas que producen constantemente el espacio. Nos proponemos entender, a partir del análisis fílmico y del trabajo de campo que constituyó un viaje por el sur de Brasil, cómo las subjetividades son parte importante de esta producción continua de geografías. Esto se debe a que, muchas veces, las subjetividades son dejadas de lado en las investigaciones, que encuentran en las cuestiones objetivas una mayor posibilidad de tangibilizar las cuestiones relacionadas con el espacio. Los movimientos, los sentimientos y los afectos, por su parte, son cuestiones menos proclives a la medición y la delimitación. Las películas elegidas son: *Família rodante* (2004); *Andarilho* (2006); *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2009) y *Diário de motocicleta* (2004), y tienen como tema los viajes por Sudamérica, así como el trabajo de campo. A partir de estos materiales, aportamos cuestiones que, en lugar de ser taxativas y representar una visión del espacio cerrada en sí misma, son abiertas y se presentan como posibilidades. No pretendíamos dar una respuesta incuestionable sobre el tema, ya que esto representaría lo contrario de lo que buscamos. Proponemos que los desplazamientos y, sobre todo, los viajes, puedan ser vistos como mucho más que un mero movimiento en la superficie, sino un intenso intercambio entre todos los agentes que se encuentran en este constante movimiento.

**Palabras clave:** Desplazamientos; lugar; viajes; afectos; Sudamérica.

## LISTA DE IMAGENS

### *Figuras*

<b>Figura 1</b> - Despedida de Ernesto e Granado da Colônia de Leprosos de San Pablo .....	26
<b>Figura 2</b> - Trabalhadores sendo escolhidos para trabalhar na mina. Nem todos conseguiram.....	28
<b>Figura 3</b> - Movimento de Ernesto e Granado, mas também dos demais elementos da imagem.....	30
<b>Figura 4</b> - Pacientes da colônia de San Pablo .....	33
<b>Figura 5</b> - Trabalhadoras .....	34
<b>Figura 6</b> - Carta sem coragem .....	55

### *Fotografias*

<b>Fotografia 1</b> - Xolotl no banco de motorista da Kombi, seu local preferido para dormir.....	40
<b>Fotografia 2</b> - Nascer do sol no Rio Paraná, na divisa de Mato Grosso do Sul com Paraná e São Paulo. Em pé sobre o barco, o Claiton .....	41
<b>Fotografia 3</b> - Luz no fim do túnel. Fotografia captada de dentro de um túnel férreo .....	42
<b>Fotografia 4</b> - Minha mãe Celestina e meu cachorro Xolotl no Rio Paraná em Salto del Guairá-PY.....	43
<b>Fotografia 5</b> - Família que conhecemos e com quem passamos um domingo na prainha do Cascalho, em Mundo Novo - MS .....	44
<b>Fotografia 6</b> - Eu e Evandro no Morro da Coroa, na trilha da Lagoinha do Leste em Florianópolis - SC.....	47
<b>Fotografia 7</b> - Inseto na folha de uma flor amarela. Praia do Moçambique, Florianópolis - SC.....	49
<b>Fotografia 8</b> - Colmeia de marimbondos numa rocha na praia de Moçambique, Florianópolis - SC.....	49
<b>Fotografia 9</b> - Eu correndo em direção a Kombi para tentar tirar uma foto ao lado dela, mas o temporizador de 10 segundos dispara antes. Aos fundos, dunas e sambaquis .....	52
<b>Fotografia 10</b> - Pôr do sol visto sobre o Sítio Arqueológico Santa Marta III, em Cabo de Santa Marta - SC .....	53
<b>Fotografia 11</b> - Duna vista a partir de um sambaqui em Cabo de Santa Marta - SC .....	54

<b>Fotografia 12</b> - Ponto de ônibus de frente para a praia em Cabo de Santa Marta - SC. Foto tirada a partir de um grande estacionamento público onde dormimos na Kombi por três noites e onde escrevi a carta e parte do diário .....	<b>55</b>
<b>Fotografia 13</b> – Daniel vivia viajando, mas se estabeleceu em Cabo de Santa Marta há cerca de 3 anos. Hoje ele tem uma filha de 2 anos e está esperando que ela cresça um pouco mais para voltar para a estrada .....	<b>63</b>
<b>Fotografia 14</b> - Serra do Rio do Rastro - SC a noite. Foto de longa exposição faz com que as luzes dos carros fiquem espalhadas, trazendo a ideia de movimento .....	<b>63</b>
<b>Fotografia 15</b> - Foto noturna de longa exposição com as luzes dos veículos passando pela rodovia. Cidade de Florianópolis - SC ao fundo .....	<b>64</b>
<b>Fotografia 16</b> - Entardecer numa praia de Cabo de Santa Marta - SC, um dos dias mais especiais da viagem .....	<b>64</b>
<b>Fotografia 17</b> - Sombras minha e do Xolotl enquanto visitávamos uma falésia em Torres - RS.....	<b>65</b>
<b>Fotografia 18</b> - Pôr do sol visto de cima de um sambaqui. Cabo de Santa Marta - SC.....	<b>65</b>

## SUMÁRIO

<b>1.</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2.</b>	<b>AFETOS E MOVIMENTOS: UMA BREVE ANÁLISE FÍLMICA .....</b>	<b>20</b>
2.1.	Viajo porque preciso, volto porque te amo .....	20
2.2.	Andarilho .....	21
2.3.	Família rodante.....	22
2.4.	Diário de motocicleta .....	23
2.4.1.	Sentindo a América do Sul, no lugar de quantificá-la .....	25
2.4.2.	Movimentos e lugares .....	29
2.4.3.	Considerações .....	32
<b>3.</b>	<b>MEIÓLOGO: MOVIMENTO SEDENTÁRIO? .....</b>	<b>35</b>
<b>4.</b>	<b>DIÁRIO DE VIAGEM .....</b>	<b>40</b>
4.1.	Breves considerações acerca do diário de viagem .....	56
<b>5.</b>	<b>CONSIDERAÇÕES .....</b>	<b>59</b>
<b>6.</b>	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>61</b>
	<b>APÊNDICE .....</b>	<b>63</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Recentemente tenho sido tomado de sentimentos nostálgicos. Constantemente reflito, com ou sem muitos critérios, sobre a minha idade, meu futuro e meu passado. No tempo que me cabe, aos 26 anos, precoce em algumas coisas e tardio em outras, percebo que a vida se coloca para nós de forma arrítmica. Percebo que as temporalidades e as situações que nos atravessam durante a árdua tarefa de viver parecem fugir da concretude e do controle que a modernidade almeja. Penso sobre o período que estudei, brinquei, trabalhei e me diverti, e não os vejo ordenados. Percebo, todavia, um certo desconforto, já que não ordenar tais aspectos da vida me parece pouco comum na sociedade — “há tempo para tudo”, “não é hora para isso”.

Também tenho pensado em ler autores mais diversificados. Veja bem, eu sou um homem, heterossexual, socialmente branco, e não digo isso para fazer mea-culpa ou sequer por acreditar que devo pagar uma dívida histórica. Não é isso, mesmo porque sou de origem pobre e de um país que foi colonizado. Todavia, penso que essa é exatamente a imagem da maioria dos autores referência, os consagrados e clássicos, mesmo nas ciências humanas. Claro que há autoras mulheres, indígenas, pretas e pretos, e eles têm conquistado seus espaços dentro da escrita de um modo geral, seja acadêmica ou não. Mas quando pensei nas referências até então, a maioria é do perfil masculino, cisgênero e branco.

O motivo de eu querer ler autores diversificados é, antes de tudo, por ser benéfico a mim e ao meu trabalho. Quando lemos autores de um perfil homogêneo, estamos muitas vezes — mas não todas — lendo as coisas pelo mesmo ponto de vista, entre aspas. É claro que estou fazendo uma leitura objetiva e genérica, pois nem todos desse perfil pensam igual, e cada um têm suas subjetividades, ou suas trajetórias, como sustenta Doreen Massey (2008). Mesmo assim, eu julgo extremamente potente ler escritas de autores e autoras que fujam desse perfil, para que possamos ler outras perspectivas objetivas do mundo e, assim, termos mais possibilidades de entender as coisas — coisas que estudamos — como elas são relativamente, e não apenas como são para nós.

Com essas premissas, relativizamos, então, tempo e espaço. A vida é movimento. A coexistência de diferentes sujeitos, e temporalidades, tornam a existência dinâmica. Massey (2008) traz uma importante reflexão sobre esse dinamismo espacial ao questionar a noção comum de que tempo representa mudança/movimento enquanto espaço representa fixidez/estaticismo. A autora coloca que só podemos pensar no tempo como sucessão de

momentos e, portanto, movimento, porque há mudanças que ocorrem no âmbito espacial. Do contrário, não haveria necessidade de diferenciar um momento anterior de outro seguinte, visto que tudo estaria exatamente da mesma forma.

Talvez eu esteja me justificando demais. Meu ponto não é esse. Até porque quanto mais nos justificamos, parece que mais temos “culpa no cartório” e, também, mais exigentes serão os leitores por novas justificativas. Não quero me justificar o texto todo! Então pensei comigo. Já tenho lido Doreen Massey e devo utilizar suas contribuições em meu trabalho, assim como o de outras autoras. Comprei então, dois livros do Ailton Krenak, um pensador crenaque, que estavam baratinhos numa promoção da Amazon, a qual é atualmente uma das empresas mais “globalizadas-futurísticas-papamercado” que existem. Os títulos dos livros são, pasmem: *Ideias para adiar o fim do mundo* (KRENAK, 2020a) e *A vida não é útil* (KRENAK, 2020b). Pasmem porque, coincidentemente ou não (claramente não), são títulos que suscitam o primeiro desconforto que coloquei no início do texto, sobre os títulos geralmente não serem convidativos. Será que tem a ver com o fato de que tais autores podem nos colocar outras questões que não temos nos atentados? Parece-me realmente que esse seja um caminho promissor!

Mas veja bem, não estou dizendo que não devemos ler os homens europeus etc. Eles também contribuem. Lembro-me de um título que me convidou firmemente à leitura, de um sujeito antropólogo desse perfil hegemônico já citado. Tim Ingold, com seu livro *Estar vivo* (2015). Claramente precisamos falar de vida, movimento, dinâmicas, cada vez mais do que num momento anterior e, dessa vez, sem relativizar o tempo. Precisamos de outras narrativas de mundo e de conhecimento.

Mas o que meu trabalho tem a ver com isso tudo?

Tudo, pois é um texto que trata sobretudo de movimento, de vida, de afetos e, portanto, não cabe em ideias e representações estáticas. Não é possível separar um trabalho de quem o escreve. Não há escrita sobre algo absolutamente externo aqui. Prendendo-me dentro da pesquisa — é impossível não estar.

Deleuze e Guattari, na obra *Kafka: por uma literatura menor* (2017), apresentam uma reflexão da leitura da literatura marginal. Não apenas escrita por sujeitos marginais, mas lida de forma marginalizada, não hegemônica. Todas as literaturas, para os autores, podem ser literaturas menores — acrescento: todas as representações podem ser menores?

[...] “menor” não qualifica mais certas literaturas, mas as condições revolucionárias de toda literatura no seio daquela que se chama grande (ou estabelecida). Mesmo aquele que tem a infelicidade de nascer no país de uma grande literatura deve escrever em sua língua como um judeu tcheco escreve

em alemão, ou como um uzbeque escreve em russo. Escrever como um cachorro que faz seu buraco, um rato que faz sua toca. E, para isso, achar seu próprio ponto de subdesenvolvimento, seu próprio dialeto, seu próprio terceiro mundo, seu próprio deserto [...]. (DELEUZE, GUATTARI, 2017, p. 39).

Isso me faz lembrar que nenhuma leitura é um sistema fechado, onde as(os) autoras(es) informam algo em via de mão única, mas uma construção da informação feita no processo. É uma troca, uma relação. As autoras e os autores escrevem, os leitores e as leitoras leem. Isso me deixa um pouco menos preocupado em relação às possíveis cobranças sobre essa tentativa de escrita. Independentemente do quê e de como eu escrever, as leituras que serão feitas serão diversas, podendo ser boas ou ruins. Essa é a graça.

Para não me prolongar muito, vamos falar da pesquisa da qual se trata este trabalho. Irei tentar construí-la de forma que tenha a possibilidade de ser uma leitura agradável. Mas é uma tentativa, é claro. O texto que segue tem dois fragmentos, que correspondem aos procedimentos metodológicos que adotei na pesquisa.

O primeiro fragmento trata de uma breve análise de aspectos dinâmicos do espaço a partir da linguagem fílmica. Tentei buscar nos filmes analisados elementos que demonstram como os afetos, as emoções e tudo que parte das subjetividades se especializam e se misturam com aquilo que é mais pragmático no espaço. Os filmes têm em comum o fato de serem filmes de viagens, de diferentes formas e motivações, pela América Latina.

O segundo fragmento traz uma experiência minha enquanto viajante, através de um pequeno diário que escrevi durante uma viagem de 4 meses pelo Sul do Brasil. Nesse diário utilizo muito da descrição como ferramenta para compreender o espaço. Fiz assim, antes por uma necessidade pessoal, e apenas posteriormente como metodologia, pois o ato da escrita me ajudava a observar as coisas de outra forma, de senti-las diferente. Deleuze e Guattari (2017) novamente ajudam a compreender, ao defenderem que uma literatura que se almeja menor começa por enunciar, e só depois se preocupa em conceber o conteúdo. A escrita deve anteceder o que se pretende dizer. A mão antes, o pensamento depois!

Viajei de Kombi pelos três estados do Sul porque tinha aspirações de adentrar o Uruguai e a Argentina. Quase tudo que planejei não se concretizou, pelo menos não como o esperado, mas não digo em forma de lamento. O destino deixou de ser algo central para o meu trabalho. Foi um “fazer” no caminho. A minha viagem, o trabalho, aquele pedaço de vida, foram feitos no percurso, sem necessidade de adjetivá-lo.

O peregrino está em constante movimento. Mais estritamente, ele é o seu movimento. [...] O transporte, por outro lado, é essencialmente orientado para um destino (WALLACE, 1993, 65-66). Não é tanto um desenvolvimento *ao longo de* um modo de vida quanto um carregamento *através*, de um local a outro, de pessoas e bens, de tal maneira a deixar as suas naturezas básicas incólumes. Pois no transporte o viajante mesmo não se move. Ao contrário, ele é movido, tornando-se um passageiro do seu próprio corpo [...] (INGOLD, 2015, p. 221, grifo do autor).

As viagens me instigam de modo que ambos os fragmentos buscam relacionar a vida viajante aos demais movimentos das nossas vidas. Falar de viagem, portanto, é me colocar no trabalho, mas é claro que o movimento e o dinamismo da vida e do espaço não ficam restritos às questões de viagem. O espaço e a vida, por si só, são movimentos mesmo em situações de grandes limitações de deslocamento do ponto de vista material, como de um indivíduo dentro de uma prisão, por exemplo.

Em relação ao diário, refleti muito se o colocaria inteiro ou se escolheria partes que eu acho interessante, omitindo aquilo que eu não acho relevante ou confortável de dizer. Acabei optando por deixá-lo todo pelos seguintes motivos: 1 – Tento questionar um pouco a hierarquização de aspectos da vida e, portanto, quais critérios eu utilizaria para decidir o que é ou não relevante?; 2 – O texto não é extenso, pois, apesar de eu chamá-lo de diário, não tive a disciplina de escrever diariamente, resultando em histórias de vários dias condensadas em apenas um; 3 – A escrita ocorreu durante os momentos mais solitários da minha viagem, e como eu não tenho autonomia de energia na Kombi, escrevi todo ele à mão quando chegava ao fim da tarde e eu não tinha nada para fazer além de esperar o próximo dia. Dessa forma, decidi manter o texto assim como escrevi no papel, sem reorganizar a escrita para ficar melhor apresentável. Corrigi apenas alguns erros de ortografia/concordância durante a transcrição. A escrita à mão ocorre de forma distinta do computador, pois muitas vezes os pensamentos vêm e não consigo escrever na velocidade que digito, então acabo colocando as ideias da forma mais rápida possível para que os pensamentos não fujam.

Os filmes analisados são: *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2009); *Andarilho* (2006); *Família rodante* (2004) e *Diário de motocicleta* (2004). A análise do filme *Diário de motocicleta* ganha uma atenção especial pelo fato de ter sido a primeira a ser escrita. Isso se deve ao fato de que a ideia inicial era a de viajar pela América Latina numa rota parecida com a do filme, sendo uma rota tradicional de pessoas que viajam pelo continente — ir ao sul até a Patagônia e depois ao norte mais próximo da costa do Pacífico. A ideia de viajar por todo o continente acabou por ser adiada devido ao contexto econômico e sanitário causado pela pandemia do Covid-19. Tal fato acabou impactando a minha pesquisa, que precisou ganhar

outros contornos para chegar à esta proposta. Os relatos dos demais filmes, por sua vez, foram escritos em um momento mais recente, no qual busquei abordar algumas questões, e não toda a obra.

Espero que façam uma boa leitura.

## 2. AFETOS E MOVIMENTOS: UMA BREVE ANÁLISE FÍLMICA

### 2.1. Viajo porque preciso, volto porque te amo

O filme *Viajo porque preciso, volto porque te amo* (2009), de Marcelo Gomes e Karim Aïnouz, narra os deslocamentos vivenciados concomitantemente pelo personagem José Renato. Sofrendo por questões passionais, o geólogo José Renato embarca numa viagem pelo sertão do nordeste brasileiro. O objetivo é o de fazer um mapeamento geológico e avaliar possíveis percursos para um canal que será construído.

As técnicas de filmagem utilizadas instigam outras percepções do espaço. O personagem central não aparece, sendo que a posição da câmera simula a sua visão. Quando dirige, a câmera filma a estrada pelo para-brisa do carro. Os locais por onde passa, se hospeda, as pessoas com que se relaciona, são filmadas como que por sua visão. O áudio por sua vez, é quase que na totalidade um monólogo no qual o personagem reflete constantemente sobre o abandono que sofre por parte da ex-esposa e sobre as rochas e situações que vivencia durante a viagem. Todos esses aspectos vão construindo uma narrativa espacial que mistura os aspectos pragmáticos com os seus sentimentos, formando articulações que permitem o personagem construir sua espacialidade.

Os sujeitos aparecem durante o filme, cada um com suas histórias que são parcialmente exploradas. Idosos que moram há muitas décadas na mesma casa serão despejados para dar passagem ao canal. Jovem trabalhadora do sexo conta de forma sensível sobre a sua realidade no sertão. Ambos afetam o personagem central e são afetados por ele. Constroem lugares temporais que permitem o personagem moldar a sua visão sobre o mundo, os sentimentos e os locais pelos quais viaja.

Quando a viagem termina, o personagem é outro sujeito, transformado pelas suas vivências concomitantes ao trabalho de campo, mas evidentemente ele ainda não está acabado — nada é acabado e sim processos. As rochas são descritas não de forma técnica, como no início do filme e como material necessário para a execução da obra, mas de forma a se misturar com os seus sentimentos melancólicos. O movimento, então, deve prosseguir em outros deslocamentos, em próximas viagens, à trabalho ou na autorreflexão, sempre como processo.

## 2.2. Andarilho

*Andarilho* (2006) é um filme/documentário de Caio Guimarães que narra um trecho do percurso de três andarilhos. Gaúcho, Nercino e Paulão percorrem as estradas de Minas Gerais sozinhos e a pé. O caminhar é para os três uma atividade sem fim, assim como o pensamento. Na verdade, o caminhar é indissociável dos pensamentos. Caminham enquanto pensam, pensam enquanto caminham. Divagam sobre questões existenciais durante falas que em alguns momentos são inaudíveis — seriam elas tão fundamentais? —, e que não tem início ou fim bem demarcados, como suas viagens que não têm partida e chegada.

São eles, portanto, seu próprio percurso. Suas práticas de vida se somam ao caminhar-pensar constantes. Suas identidades estão atreladas ao movimento que fazem e, dessa forma, se assemelham ao que Ingold (2015) reconhece como peregrino, e não como passageiros que carregam suas identidades de um ponto a outro. No deslocar-se é que os personagens se desenvolvem e estão vivos.

As linhas que ligam essas destinações, como aqueles de um mapa de tráfego aéreo ou ferroviário, não são traços de movimento, mas conectores ponto a ponto. Estas são as linhas de transporte. E enquanto o peregrino assina sua presença na terra como a crescente soma de suas trilhas, o passageiro carrega a sua assinatura consigo, enquanto é transportado de um lugar a outro. Onde quer que ele possa estar, ele deve ser capaz de replicar este gesto como uma marca de sua única e imutável identidade (INGOLD, 2007a, p. 94 *apud* INGOLD, 2015, p. 223).

Alguns aspectos do ponto de vista do audiovisual são o esforço em trazer as imagens e sons como são percebidas nas estradas. A produção se passa praticamente todo na beira de rodovias. As reflexões dos personagens são cortadas pelo som da borracha dos pneus de carros e caminhões que trafegam sobre o asfalto em alta velocidade. As imagens são, em alguns momentos, reflexos causados pelas distorções visuais que o calor produz a partir do vapor sobre do asfalto. Os sons dos carros nos fazem ter a sensação constante de descompasso nos ritmos de vida andarilha com o mundo capitalista, no qual a rapidez nos deslocamentos é fundamental. Novamente recorremos a Ingold (2015), ao diferenciar os distintos ritmos e motivos de deslocamentos. Enquanto o deslocamento peregrino é vivido, lento e carregado de relações e marcas — afetos —, o deslocamento passageiro é rápido, pois tem como principal objetivo o destino, e, portanto, o caminho é visto como obstáculo a ser vencido. Por isso a velocidade é tão importante para o mero transporte. Economiza o tempo do percurso-obstáculo.

“Para o peregrino, no entanto, o mundo não é apresentado como uma superfície a ser atravessada. Em seus movimentos, ele costura o seu caminho por esse mundo, ao invés de atravessá-lo de um ponto a outro” (INGOLD, 2015, p. 223). O reflexo das imagens dá a impressão de que os andarilhos serão atropelados em algum momento, pois além das distorções causadas pelo calor, as imagens foram feitas com lentes de grande distância focal, trazendo os objetos da imagem para um mesmo plano e dando a impressão de proximidade entre eles. Não sei se a intenção do diretor era essa, porém tal fato gera reflexões sobre como o mundo moderno se tenciona constantemente com essas outras existências e não é tão coeso quanto se propõe. Fiquei imaginando quantos atropelamentos, no sentido figurado, ameaçam essas formas de existir no mundo, ao mesmo tempo que não se concretizam por completo, pois elas nunca cessam (os andarilhos não irão acabar). Também que o modo como vemos a vida, muitas vezes não é nada mais que um reflexo dela. Um mundo visto através de prismas variados e combinados, que possibilitam a cada um uma visão diferente das situações e da realidade.

### 2.3. Família rodante

*Família rodante* (2004) é um longa-metragem argentino escrito por Pablo Trapero. O filme retrata a viagem de uma família argentina por mais de 1.000 quilômetros pelo norte do país, até um *pueblo* na província de Misiones. O motivo da viagem é que a personagem Emília, matriarca da família, foi convidada para ser madrinha do casamento de uma sobrinha. A viagem acontece em um trailer, no qual todos os membros da família precisam dividir o espaço reduzido, o que acaba gerando situações de variados tipos, conflituosas ou de comunhão.

No meio de todas as situações, a personagem Emília desempenha o papel de mediadora dos conflitos, articuladora das diferentes ideias dos personagens e aconselhadora. Tudo acaba nela. As confusões giram entre os demais membros da família, mas se encerram nela, às vezes com calma, às vezes com energia, às vezes no seu silêncio.

O filme nos mostra que ser família é estar em movimento. Por vezes a viagem parece ser uma analogia das relações familiares. Nesse sentido, na medida que o veículo trafega, as coisas acontecem. Há momentos de calma, de confusão, de problemas e de alegrias, há o acoplamento de novos membros, assim como a saída de outros, mas nada pode fazer com que a “viagem” pare.

Do ponto de vista da narrativa acredito ser importante trazer um aspecto que me chamou atenção. As produções cinematográficas, assim como outras obras artísticas, optam por

geralmente trazer uma contextualização de suas personagens. Dentre os aspectos escolhidos para isso, um dos mais importantes é a profissão. Tal aspecto identifica o status social atribuído ao personagem a partir do seu trabalho e como ele faz para sobreviver do ponto de vista material, mesmo que tal fato não tenha relação direta com a continuação da história.

Trago essa observação pois, ainda que tal contextualização possa ser entendida como necessária se temos como objetivo definir alguma coisa ou sujeito, ao escolher definir podemos, sem querer, cerceá-los em uma imagem estática. Há menos possibilidades de entender que os sujeitos são em si mesmos movimento, em todas as perspectivas. Estamos em constante transformação — somos os mesmos de um ano atrás? Tanto em questões identitárias, como naquilo que pensamos e acreditamos, ou ainda do ponto de vista físico, estamos mudando constantemente. Por isso, a escolha do diretor de *Família rodante* em não integrar à narrativa as profissões das personagens pode representar mais do que aparenta à primeira vista. Nossa atenção fica completamente focada em como as personagens se constroem e se definem a partir do desenrolar das relações interpessoais — e no caso específico do filme, nas relações familiares —, definindo personalidade, ideias, entre outros aspectos importantes das personagens.

#### 2.4. Diário de motocicleta

Este texto é uma breve análise de alguns aspectos do filme *Diário de motocicleta* (2004), dirigido por Walter Salles e inspirado no livro *De moto pela América do Sul* (2003), de Ernesto Che Guevara. O livro que deu origem ao filme é a publicação do diário que Ernesto escreveu durante uma viagem que fez junto ao seu amigo Granado pelo continente. Muitas análises são possíveis a partir do filme, que apresenta realidades socioespaciais da América do Sul, bem como uma espécie de biografia dos personagens principais. Buscamos trazer elementos que ativassem outros olhares para o filme, bem como referências externas para auxiliar na discussão. Essas referências são poemas, músicas, imagens, e textos não acadêmicos. No fim, percebemos que as possibilidades são inúmeras, pois buscamos interpretar a partir de referências que não pretendem fechar o espaço geográfico em uma peça coerente, homogênea e já acabada. Pelo contrário, visam à vida, os lugares e o espaço como constante processo, como movimento, abrindo a possibilidade de ser transformado a partir das nossas ações, dos nossos encontros e do que é feito deles (MASSEY, 2008). A fala de Ernesto Che Guevara no filme

*Diário de motocicleta* (2004) exemplifica essa ideia: “[...] *Me alegra haber dejado para atrás lo que llaman civilización y estar un poco más cerca de la tierra!*”.

Numa estrada rural argentina, em uma localização imprecisa, a bordo da moto Poderosa, dois homens trafegam e, num desamarrear de uma das cordas que seguram suas bagagens junto à moto, se desequilibram e caem, e vão para mais perto da terra do que gostariam. Mais precisamente, se arrastam por essas terras sul-americanas, e não satisfeitos provam também da água, acumulada na beira da estrada “de chão”. Assim é uma das primeiras cenas do filme *Diário de motocicleta* (2004).

Ernesto e Granado começam em janeiro de 1952 uma viagem, que depois virou livro, que depois virou filme. O objetivo da viagem? Conhecer um pouco mais algumas realidades do continente que haviam apenas lido nos livros. O filme é inspirado no livro *De moto pela América do Sul* (2003), redigido a partir do conteúdo do diário que Ernesto Che Guevara escreveu durante a aventura.

O que propomos aqui é uma tentativa de leitura geográfica do filme. Uma tentativa porque tudo que se realiza é antes e no processo, uma tentativa. Houve por parte de Ernesto e Granado uma tentativa de fazer tal viagem de moto pela América do Sul, que se concretizou, mas não da forma como planejaram. Há outras tentativas que sequer se concretizam. Uma leitura geográfica porque buscamos elementos para pensarmos questões espaciais, e às vezes usaremos do arcabouço teórico da geografia para dar base para tal leitura. Do filme porque, apesar de ter lido o livro também, em outro momento, buscamos explorar outras possibilidades que a linguagem fílmica pode oferecer no lugar da tradicional leitura muito explorada na academia. Todavia, para além do filme, utilizaremos músicas e poesias que julgamos serem interessantes para entender um pouco mais a América do Sul.

Fazemos uma análise a partir das imagens, dos sons, mas evidentemente do conteúdo da viagem também. Iremos descrever o que vimos, às vezes. Descrever o relevo, as pessoas, as comidas e as bebidas, os diálogos e o que mais nos chamar atenção. No meio também comparamos o que acreditamos ter mudado ou permanecido igual nessa América do Sul desde a viagem. Mas claro, considerando que não estamos vendo a viagem em 1952, e sim uma narrativa quase contemporânea do que ela foi. Fazemos também a nossa leitura, do filme, do livro, da viagem, da América do Sul.

#### 2.4.1. Sentindo a América do Sul, no lugar de quantificá-la

*Grave imobilidade do silêncio. A risca do cacarejo de um galo. Também a pisada de um homem de trabalho. Porém continua o silêncio.*

*De repente, uma mão distraída sobre o meu peito sentiu o latejo do meu coração. Não deixa de ser surpreendente.*

*E de novo — oh os antigos dias! — minhas lembranças, minhas dores, meus propósitos caminham agachados crucificando-se nas sendas do espaço e do tempo.*

*Assim se pode transitar com facilidade.* (NERUDA, 1979, p. 6).

Neruda faz nos seus poemas, sem sombra de dúvida, um retrato dos locais por onde passou e das situações que viveu de dentro. Com uma visão aproximada, em oposição à visão distanciada (DELEUZE; GUATTARI; 2012). É possível identificar elementos que o autor apresenta a partir de seus sentidos variados, evidenciando uma não dependência de referências visuais e métricas das coisas, como ocorre de costume na visão distanciada. Nas suas poesias, ele fala dos cheiros dos lugares, dos sons e de texturas, mas também de cores e não há distâncias intermediárias porque não está delimitado onde se começa e onde se termina o espaço descrito. As referências não buscam representar uma realidade estática, pelo contrário, mostram um dinamismo e multiplicidades, diferentes perspectivas. Mostram espaço liso em detrimento do espaço estriado — embora ambos sejam interdependentes (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

Tenho a impressão de que, para Che e Granado, viajar e conhecer essa América do Sul que eles haviam apenas estudado nos livros significava mais que conhecer as métricas que determinam o que é e o que não é parte desse conjunto — o continente sul-americano. É sentir esse conjunto, como Neruda faz, e ter uma visão aproximada das pessoas, dos relevos, das relações e tudo mais que fazem a América do Sul ser o que é. Não por acaso, Neruda está nos escritos do diário de Ernesto e é lembrado no filme algumas vezes. Um exemplo disso é o discurso pan-americanista que Ernesto faz no seu aniversário, próximo do final da viagem, na colônia de “leprosos” San Pablo - Peru, onde trabalharam como voluntários por um período de tempo suficiente para estabelecerem fortes relações.

[...] Dentro de poucos dias estaremos deixando o Peru, então essas palavras podem ser encaradas como uma espécie de despedida, e eu gostaria de expressar minha gratidão a todo o povo desse país, que desde o primeiro dia que eu cheguei, em Tacna, nos demonstrou sua hospitalidade calorosa. E gostaria de acrescentar também mais uma coisa, que nada tem a ver com esse brinde. Ainda que nós sejamos insignificantes demais para sermos porta-vozes de uma causa tão nobre, nós acreditamos, e essa jornada só tem servido para confirmar essa crença, que a Divisão da América em nações instáveis e ilusórias é uma completa ficção. Somos uma raça mestiça com incontáveis similaridades etnográficas, desde o México até o Estreito de Magalhães. Assim, em uma tentativa de nos livrarmos de qualquer provincialismo

imbecilizante, eu proponho um brinde ao Peru e a uma América Unida (GUEVARA, 2003, p. 163-164).

**Figura 1** - Despedida de Ernesto e Granado da colônia de leprosos de San Pablo.



Fonte: DIÁRIO DE MOTOCICLETA, 2004.

A intenção não é, claramente, discutir o pan-americanismo trazido à tona por Ernesto, mas chamar atenção para a arbitrariedade do Estado-nação na América do Sul — e Latina —, que do ponto de vista espacial, é uma forte representação do estriamento do espaço (DELEUZE; GUATTARI, 2012). Dessa forma, no ápice do que a viagem que fizeram por vários países do continente permitiu-lhes sentir e conhecer de perto, o que se torna evidente a eles é que essa divisão da América não faz sentido, ou faz sentido apenas para aqueles que buscam dominar o povo, o relevo, a fauna e a flora. Vejam, o Estado que em tudo traça linhas, define os inícios e os fins, e as distâncias intermediárias, o fazem porque tem uma visão distanciada da terra, do povo. Precisam mensurar tudo o que nessa lógica é recurso.

A segunda queda de moto de Ernesto e Granado se dá numa descida em curva, onde as pedras soltas, combinadas com a velocidade, os impossibilitam de permanecerem sobre a moto. Ainda andavam em sentido ao sul do continente, já na patagônia. Com a moto danificada pela queda, foram procurar ajuda em uma casa próxima ao local do acidente. Sentiam naquele momento o frio da região patagônica, que os castigava de forma severa.

A terceira queda veio ao entrar no Chile, em uma estrada nevada e escorregadia, em um vale andino. Subiram na moto novamente e andaram o quanto puderam, mas chegaram na primeira cidade chilena empurrando a Poderosa, e novamente tiveram que recorrer à ajuda de moradores locais.

A quarta, uma surpresa. Ao fazerem uma curva, avistam, muito próximas, algumas vacas no meio da pista. A Poderosa já não tinha freios e o atropelamento de um animal foi inevitável. Eles caíram, a vaca caiu, a moto arrastou-se por muitos metros e o que ainda funcionava nela deixou de funcionar naquele momento. A solução foi pegar carona em um caminhão que transportava feno, com dois homens indígenas que falavam alguma língua diferente do espanhol e uma vaca.

As quedas só cessaram quando a moto recebeu o diagnóstico final e, então, os viajantes prosseguiram a pé e de carona. De carona, chegam pela primeira vez a Valparaíso, aclamada nas lembranças de Pablo Neruda:

*AMO, Valparaíso, cuanto encierras,  
y cuanto irradias, novia del océano,  
hasta más lejos de tu nimbo sordo.  
Amo la luz violeta con que acudes  
al marinero en la noche del mar,  
y entonces eres -rosa de azahares-  
luminosa y desnuda, fuego y niebla.* (NERUDA, [19--]).

Granado e Ernesto, se encantam com a cidade que outrora Neruda eternizou em poemas, porém, também conhecem “outra face”. Enquanto caminham pelo deserto pouco mais ao norte, encontram um casal de chilenos que perambulam — não como eles, que viajam porque querem —, por não terem mais a terra que trabalhavam, a qual foi tomada por um tenente. Diziam estar indo buscar trabalho em uma mina, como mineiros precarizados, pois não tinham outras opções e precisavam trabalhar para poder ajudar seus filhos. As minas chilenas pertenciam majoritariamente a companhias estadunidenses, que exploravam o trabalho chileno e as montanhas.

[...] Às vésperas da crise de 1929, os investimentos norte-americanos no Chile ascendiam a mais de 400 milhões de dólares. Quase todos destinados a exploração e ao transporte do cobre. Até a vitória eleitoral das forças da Unidade Popular em 1970, as maiores jazidas de metal vermelho continuavam nas mãos da Anaconda Copper Mining Co. e da Kennecott Copper Co., duas empresas intimamente ligadas entre si, como parte do mesmo consórcio mundial. Em meio século, ambas remeteram do Chile para suas matrizes quatro bilhões de dólares, caudaloso sangue que se evadiu sob diversos títulos, e em contrapartida tinham efetivado, segundo suas próprias e infladas cifras, um investimento total que não passava de 800 milhões, quase tudo proveniente de lucros arrancados do país. [...] (GALEANO, 2016, p. 205-206).

Aqueles trabalhadores que Granado e Ernesto encontraram, buscavam trabalho em uma mina da Anaconda Mining Co., “tão perigosa e precária que quando trabalhadores sumiam,

muitas vezes nem se davam conta, devido a frequência que ocorria” (DIÁRIO DE MOTOCICLETA, 2004).

**Figura 2** - Trabalhadores sendo escolhidos para trabalhar na mina. Nem todos conseguiram.



Fonte: DIÁRIO DE MOTOCICLETA, 2004.

Não à toa, a América do Sul foi e ainda é marcada por sucessivos golpes e tentativas de golpes de Estados orquestrados pelas forças imperialistas norte-americanas. Essa é uma marca profunda no continente sul-americano. O filme retrata um momento precedente da maioria dos golpes que viriam a se consolidar no Chile, Brasil, Argentina, Uruguai, entre outros países, todavia sempre houve resistência dos povos sul-americanos.

[...] Os frequentes golpes de Estado na Argentina acontecem antes e depois de cada licitação petrolífera. O cobre não era de modo algum alheio à desproporcionada ajuda militar que o Chile recebia do Pentágono até o triunfo eleitoral das forças de esquerda encabeçadas por Salvador Allende; as reservas norte-americanas de cobre tinham caído em mais de 60 por cento entre 1965 e 1969. [...] (GALEANO, 2016, p. 195).

Arrisco, no entanto, dizer que Ernesto e Granado puderam perceber durante sua viagem que a resistência vem antes dos povos sul-americanos, do que de líderes revolucionários. Vem daqueles que mais sofrem por esse modelo político-econômico que tenta fazer da América do Sul uma grande fonte de recursos, humanos e não humanos. São os que mais sofrem e resistem porque não veem essa terra como recurso, mas de outras formas, não predatórias.

## 2.4.2. Movimentos e lugares

*Atravesamos desiertos, glaciares, continentes*  
*El mundo entero de extremo a extremo*  
*Empecinados, supervivientes*  
*El ojo en el viento y en las corrientes*  
*La mano firme en el remo*  
*Cargamos con nuestras guerras*  
*Nuestras canciones de cuna*  
*Nuestro rumbo hecho de versos*  
*De migraciones, de hambrunas*  
*Y así ha sido desde siempre, desde el infinito*  
*Fuimos la gota de agua viajando en el meteorito*  
*Cruzamos galaxias, vacío, milenios*  
*Buscábamos oxígeno, encontramos sueños*  
 [...]

*Somos una especie en viaje*  
*No tenemos pertenencias sino equipaje*  
*Vamos con el polen en el viento*  
*Estamos vivos porque estamos en movimiento*  
*Nunca estamos quietos, somos trashumantes*  
*Somos padres, hijos, nietos y bisnietos de inmigrantes*  
*Es más mío lo que sueño que lo que toco*  
*Yo no soy de aquí*  
*Pero tú tampoco*  
 [...]

*De ningún lado del todo y*  
*De todos lados un poco*

*Lo mismo con las canciones, los pájaros, los alfabetos*  
*Si quieres que algo se muera, déjalo quieto. (MOVIMIENTO, 2017).*

O filme *Diário de motocicleta* (2004) mostra uma série de lugares. Não como localidades apontáveis nos mapas, mas como coleções de histórias articuladas numa situação eventual (MASSEY, 2008). Os movimentos que Jorge Drexler canta, que Pablo Neruda escreve, que Granado e Ernesto fazem no filme são sem dúvidas marcados por encontros que constituem coleções de trajetórias. Essas coleções são constantemente reagrupadas quando há movimento, criando outros lugares. A vida é movimento.

[...]

*Estamos vivos porqué estamos en movimiento.*

[...]

*Si quieres que algo se muera,*  
*Déjalo quieto. (MOVIMIENTO, 2017).*

O movimento é, então, o grande produtor de lugares — “como eventualidades espaço-temporais” (MASSEY, 2008, p. 191) — e, portanto, os lugares não devem ser admitidos sob a imagem do estático (MASSEY, 2008). O lugar é aberto, pois se constitui como processo e integração num determinado momento dentro de geometrias do poder. Momentos esses sempre possibilitados pelo movimento (MASSEY, 2008). Na imagem a seguir, é possível ver Ernesto e Granado na moto, um desconhecido em um carro de boi, uma montanha e sobre ela a neve. Todos em movimento, em direções e velocidades distintas, no eventual lugar do “aqui/agora”.

**Figura 3** - Movimento de Ernesto e Granado, mas também dos demais elementos da imagem.



Fonte: DIÁRIO DE MOTOCICLETA, 2004.

Nem todo espaço está territorializado. Nem tudo está num conjunto coerente o tempo todo. O espaço aberto pressupõe negociações constantes. Trajetórias e estórias estão soltas, à espera de um lugar para se encaixarem e criarem uma situação coerente temporária. Todavia, há uma geometria do poder que se forma em todo encontro. Não por acaso a autora afirma que: “Espaço e tempo, juntos, resultado desse múltiplo devir. Então o ‘aqui’ é nada mais (e nada menos) do que o nosso encontro e o que é feito dele. É, irremediavelmente, aqui e agora. Não será o mesmo ‘aqui’ quando não for mais agora (MASSEY, 2008, p. 201).

Frente a esses movimentos, uma questão que se coloca é: O que fazer desses encontros numa América do Sul marcada por geometrias desiguais de poderes? Durante o filme é possível perceber uma série de encontros que ocorrem de diversos elementos de distintas “naturezas”. Viajantes, empresas, Estados, povos indígenas, cidades coloniais, trabalhadores assalariados, montanhas, rios, enfermos e tantos outros. Quase nunca a geometria de poderes é igualitária.

Em 1952, quando Ernesto e Granado viajavam, cruzaram as “propriedades” da Anaconda Company. Uma porção de terra rica em minerais que se tornou propriedade de uma empresa estadunidense. O capital e o Estado se colocam constantemente como monopólios de poder, em diferentes situações.

Menos de meio século depois, em Cochabamba - Bolívia, a privatização da água foi pautada e só não foi adiante por causa das mobilizações populares. A luta dos bolivianos que se defenderam desse processo de privatização foi dura, sofrendo violentos ataques, mas houve a recompensa. Todos esses exemplos se consolidam em lugares e negociações, que não dispõem quase nunca de condições iguais. Por isso, é muito mais importante para nós, explorados por esse sistema, pensarmos o que faremos dos eventuais lugares que formamos.

Veja que o movimento não é necessariamente deslocar-se por áreas, mas também deslocar-se por coleções de estórias, e fazer algo desse encontro com outras estórias (MASSEY, 2008). As formas como isso ocorre, portanto, são infinitas. Incontáveis espaços lisos em constante troca com espaços estriados (DELEUZE; GUATTARI, 2012). A canção de Manu Chao retrata isso:

*[...] Me dicen el clandestino  
Por no llevar papel [...]*

*[...] Soy una raya en el mar  
Fantasma en la ciudad  
Mi vida va prohibida  
Dice la autoridad*

*Solo voy con mi pena  
Sola va mi condena  
Correr es mi destino  
Por no llevar papel*

*Perdido en el corazón  
De la grande babylon  
Me dicen el clandestino  
Yo soy el quiebra ley*

*Mano negra clandestina  
Peruano clandestino  
Africano clandestino  
Marihuana ilegal*

*Perdido en el corazón  
De la grande babylon  
Me dicen el clandestino  
Por no llevar papel*

*Argelino clandestino*  
*Nigeriano clandestino*  
*Boliviano clandestino*  
*Mano negra ilegal* (CLANDESTINO, 1998).

Quantos clandestinos por não levar papel — comprovando sua legalidade — transitam por essa América do Sul? Que “não existem” legalmente, que não são proprietários de nada, que trabalham fora da legalidade, mas têm o lucro do seu trabalho drenado para os centros ocidentais? Todas essas situações aparecem durante a viagem de Ernesto e Granado.

Quantos espaços lisos<sup>1</sup> a lógica moderno-colonial da legalidade/ilegalidade não exclui (SANTOS, 2018), ao estriar o espaço e fazer dele linhas retas, mensuráveis, fotografias estáticas? Ao mesmo tempo, quantas cidades — principais centros de espaço estriado — não produzem espaços lisos<sup>2</sup>, como na guerra d’água ocorrida em Cochabamba, ou mesmo nas simples relações de solidariedade? (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

### 2.4.3. Considerações

*Diário de motocicleta* (2004) é um filme que traz muitas possibilidades de reflexões acerca de muitos temas. Pensar a América do Sul a partir dele é um ótimo desafio, não apenas do ponto de vista de formar um conjunto coerente ao qual atribuímos esse nome, mas para pensarmos alguns elementos que caracterizam as nossas relações, e como tais elementos transitam em diferentes escalas, conjurando lugares.

Trazer outras referências foi, antes de tudo, um desafio, mas também um prazer e até mesmo uma necessidade. Isso porque sentir sobre o que se escreve, e escrever sobre os sentimentos, demanda buscar elementos subjetivos que associamos aos temas que tentamos tratar.

---

<sup>1</sup> Deleuze e Guattari apontam que “O espaço liso e o espaço estriado [...] não são da mesma natureza. Por vezes podemos marcar uma oposição simples entre os dois tipos de espaço. Outras vezes devemos indicar uma diferença muito mais complexa [...]” (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 192). Os autores atentam ainda para o fato importante de que “[...] ainda devemos lembrar que os dois espaços só existem de fato graças às misturas entre si” (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 192). Para a situação em análise, a lógica da legalidade/ilegalidade representa o estriamento do espaço liso, pois se trata de uma ação distanciada das situações socioespaciais que partem de um agente de poder centralizado — o Estado. O espaço liso, em contraposição simples, é a ação aproximada e em movimento, ou seja, é parte dos agentes periféricos que vivenciam as relações e situações geográficas no local, com incontáveis especificidades. Nesse caso, o espaço liso é representado pelo espaço vivido pelos sujeitos sem documentos, marginalizados como ilegais por essa lógica cartesiana.

<sup>2</sup> Para Deleuze e Guattari as cidades representam os principais centros do espaço estriado, porém, nela há a produção intensa de espaços lisos (DELEUZE, GUATTARI, 2012). A concentração dos espaços estriados — rígidos, normados — é campo fértil para o surgimento de resistências de tudo e todos que estão sob a influência dessa rigidez. A revolta e a reação das pessoas de Cochabamba — que experimentam intensa relação aproximada com o local onde vivem — é um exemplo da mistura e indissociabilidade desses espaços lisos e estriados.

Evidentemente que o filme, como uma criação cinematográfica, busca intensificar algumas situações através das cenas. Este texto não é de forma alguma uma crítica ao filme, que como toda criação é uma narrativa, e nesse caso romantiza personagens e elege os fatos que pretendem mostrar. O filme também inventa, como quando Che atravessa um grande rio da Amazônia a nado, o que não ocorreu, e omite situações que não lhes interessa.

Alguns elementos estão muito presentes na história do continente sul-americano e são, em partes e em diferentes intensidades, abordadas no filme. A forte interferência de Estados imperialistas com intuito de privatizar e explorar recursos de todas as ordens e o forte componente étnico que está presente nos quatro cantos do nosso continente são apenas dois exemplos dos muitos que podem ser discutidos a partir da obra.

Mas, para além dessas questões, é possível perceber muitas relações de afetividades positivas que marcam o povo sul-americano, que se recusa a ajoelhar-se para todas as forças que o oprime e encontra na sua própria forma de viver e se relacionar, a força para resistir a tais movimentos. A resistência contra esse movimento sempre veio e virá dos setores mais precarizados e na América do Sul esses setores têm em seu favor a gana de viver, de sonhar e de sorrir.

**Figura 4** - Pacientes da colônia de San Pablo.



Fonte: DIÁRIO DE MOTOCICLETA, 2004

**Figura 5 - Trabalhadoras.**



Fonte: DIÁRIO DE MOTOCICLETA, 2004.

### 3. MEIÓLOGO: MOVIMENTO SEDENTÁRIO?

Quando retornei da viagem que serviu de campo para a minha pesquisa, fiquei quase um ano “parado em movimento”. Nesse período de intensos sentimentos, bons e ruins, me vi em constante transformação. Juntei, então, ao fato que me fez, por exemplo, olhar para o texto de qualificação como um texto que eu já não concordava com tudo que estava nele, ao fato de sentir que não consegui discutir o movimento que a vida é, mesmo sob condições de pouca mobilidade do ponto de vista material — da vida urbana-sedentária. Ao invés de mudar partes do texto de dissertação para contornar esses fatos, vi uma possibilidade de discutir o movimento no modelo sedentário de viver. A minha mudança de percepção sobre as coisas é resultado de um intenso movimento, mesmo que do ponto de vista da viagem eu estivesse “parado” no Mato Grosso do Sul.

Quando eu saí em viagem, acreditava que viveria assim por anos, e quando retornei me senti desterritorializado. A verdade é que, ingenuamente, eu acreditava que a minha felicidade — idealista — dependia de viver aquele modelo de vida errante. Durante esse último ano, entre o final da viagem e a defesa da dissertação, passei de “sem saber o que fazer da vida” ao ver esse projeto ameaçado, para uma pessoa que está satisfeita levando uma vida que outrora reneguei — de trabalhador sedentário. Isso me fez perceber como fui, mesmo sem a intenção, um pouco prepotente ao pensar no modo de vida errante como “o mais correto”, ou mesmo como a única forma de “peregrinar”. Hoje penso que não há, ou melhor, que há tantas formas corretas de viver e peregrinar quanto vidas no mundo, e cabe a nós desenvolvê-las individual e coletivamente.

Peço desculpas àqueles que peregrinam “parados”. Que se deslocam imóveis. São muitos. Todos os dias em inúmeros lugares.

Vocês, leitores, irão perceber, em partes do meu diário de viagem, como essa minha ilusão estava presente em meus pensamentos. Hoje eu percebo isso, e não significa que eu não tenha mais ilusões, significa apenas que hoje minhas ilusões e fantasias são outras, feitas no meio do caminho. Para além disso, penso que as ilusões e fantasias fazem parte da minha forma de ver o mundo e existir nele.

Por essas e outras razões, decidi escrever esse “meiólogo”, que talvez nem seja tão necessário assim, talvez seja. Para abordar temas que acontecem nos meios — meio tempo, meio do lugar, meio dos caminhos.

Outro tema é, por exemplo, a relação que acabei construindo com a universidade. Uma verdadeira relação de “amor e ódio” que me confunde, e que por vezes me fez ter uma visão deturpada dela. Aqui no meio, senti a necessidade de esclarecer algumas coisas, e faço antes de que leiam meu diário de viagem.

Creio ser necessário explicar que, às vezes, eu opto por uma escrita descompromissada. Utilizo da hipérbole sem saber se dou conta, e, portanto, peço que não levem tudo tão a sério. Sobretudo em relação à universidade. A escrita que segue, assim como o diário de viagem, foram a forma que encontrei, dramática e exagerada, de expor algumas coisas que me afligem na academia e na vida. Também não significa que não pensei, em certos momentos, que a universidade fosse como eu descrevo em alguns desses trechos. A universidade é, também, essa interdependência de espaços lisos e estriados (DELEUZE, GUATTARI, 2012).

Certa vez, numa viagem de carro com a minha orientadora do trabalho de conclusão de curso da graduação, discutíamos sobre a importância da universidade. Eu, deprimido e melancólico, e me achando detentor da boa crítica, me pus a refletir se a universidade era tão importante assim, e joguei o questionamento. Meu argumento era o de que não conversávamos com a comunidade externa, e que poucos benefícios chegavam à maior parte da população. Na verdade, esse argumento frágil era pano de fundo para esconder a minha dúvida se a vida acadêmica era o que eu desejava ou não, e nessa tentativa de desqualificar a academia, perguntei: “Será que a universidade é tão importante assim?”. E a minha antiga orientadora me deu a resposta mais oportuna possível dizendo: “Mateus, sem a universidade você provavelmente não pensaria assim e não estaria discutindo da forma como estamos”.

O que quero afirmar com essa anedota não é que somos mais capazes de pensar ou mais críticos simplesmente por estarmos na universidade, mas que ela nos dá ferramentas necessárias para transformar nossos pensamentos e nossas práticas. Além disso, apesar das críticas que oportunamente chamei de hiperbólicas nesse momento, elas não fazem com que eu queira o fim da universidade, de forma alguma! Hoje penso que a universidade é também um movimento e se há críticas a ela, também há possibilidades de transformação, pois somos nós que a fazemos.

Segue, então, um poema que fiz, que exemplifica minha angústia e a escrita que encontrará no trabalho daqui em diante.

*Me fadiga muito cumprir prazos, horários.  
Se eu gosto de estudar algo e torno isso uma obrigação, passo a desgostar.  
Definitivamente estou saturado de cumprir créditos<sup>3</sup>.  
Que sistema mais antipático.*

---

<sup>3</sup> Créditos necessários para se formar em um curso na universidade.

*O único crédito que pretendo ter agora, é o do meu cachorro.  
Deixei-o de lado nesses últimos meses.  
Agora percebo, deixei muitas coisas de lado! (LIMA, 2021a).*

A escrita que externalizo aqui é um grito fugidio das normas e padrões — de escrita, de método, de ter ciência das coisas. Penso que escrevo esse texto num momento muito conturbado politicamente, o que não temo mais do que os momentos mais calmos. Penso que talvez esses últimos sejam até mais perigosos. Digo isso porque sinto uma demanda muito grande de posicionamentos fechados em si, numa certeza indubitável, mas me recuso a jogar nesses termos. A minha existência é outra.

Mesmo assim, acredito que seja importante deixar claro que este texto é o resultado de minha experiência com a academia, desde que entrei na graduação, e não apenas nos anos de mestrado, e essa tem sido a forma que tenho encontrado de expressar como me constituí junto a ela. Faço isso também porque creio que outros possam ter experiências parecidas, num modelo acadêmico que por vezes sobrepõe a razão à emoção.

Não posso deixar de atentar, também, que não me alinho aos ataques que as universidades vêm sofrendo na atual conjuntura. A minha luta é para que a razão não seja algo da emoção e de outros saberes populares e não ocidentais. Os ataques que menciono têm por objetivo estabelecer um negacionismo crescente diante de situações de injustiças socioespaciais atuais e históricas. Negam mesmo a razão. Criam teorias conspiratórias, promovem autoritarismos e buscam desestabilizar quaisquer formas de resistências diante das inúmeras violências contra o povo.

Conheço pessoas que me inspiram muito nas universidades. Gente que vem tentando, arduamente, propor coisas diferentes. Meu empenho agora é outro, mas confesso que futuramente, quem sabe, eu volte a querer a vida acadêmica — mesmo com as suas vaidades. A vida é cheia dessas coisas. Mas agora, vejo que todas essas pessoas, mesmo as que eu mais admiro, se tornaram quase que seu trabalho, devido ao produtivismo que está instaurado nas universidades — é claro que elas não viraram, são muito mais do que isso, mas o meu medo de me tornar isso me distancia da razão. Para mim isso é muito caro. Por agora, “eu preciso ser outros.” (BARROS, 2002, p. 79).

É evidente, também, que o conhecimento científico é algo muito bom, todavia, é um projeto de homogeneização, com a cara de quem tem o poder, com a cara do ocidente. É também

uma forma de excluir as pessoas que fazem parte da massa, não alfabetizadas para a ciência<sup>4</sup>. Não me abstenho, todavia, de reconhecer que a produção de conhecimentos com métodos e teorias é extremamente sedutora. Às vezes brinco que ela é como um corte de caminho no “conhecer”, um verdadeiro atalho. Quase como uma trapaça poética, mas muito menos criativa que essa. Muitas vezes a ciência não é nada popular.

*Às vezes quero acabar com a academia.  
Não vejo por onde as sensibilidades seriam aceitas nela.  
Às vezes quero fazer parte da construção de outra academia, que as aceite.  
Junto com as pessoas que veem vida. (LIMA, 2021b).*

O “lance dos meios” é uma inquietação que tento trazer para esse pequeno texto, e daí a “brincadeira séria” com o meiólogo. A questão é que, para mim, é no meio que tudo ocorre, pois o futuro é uma expectativa e o passado não existe mais. O que é que importa?<sup>5</sup> Ninguém sabe, por exemplo, porque o livro *O castelo* (KAFKA, 2008) termina de repente no meio de um parágrafo. Essa é a graça. Não importa, e a obra não é menos importante por isso. Talvez seja até mais. De onde vem a nossa ânsia de ver tudo terminado se tudo é processo? Seria da necessidade de classificação de todas as subjetividades? Parece que precisamos de modelos estáticos para uma vida que é dinâmica, que é movimento — modelo estriado ou modelo liso? Espaço aberto ou fechado? Lugar atrelado à elementos fixos ou como eventualidades? Peregrinar ou se transportar?

Retomo, dessa forma, as contribuições de Ingold (2015), que valora o ato de peregrinar não como deixar sua marca — identitária — nos locais ao passar por eles, mas como tecer/construir sua identidade através deles, no próprio deslocamento. São elas, portanto, únicas. Massey (2008, p. 190) diz que “Viajar entre lugares é mover-se entre coleções de trajetórias e reinserir-se naquelas com as quais nos relacionamos.” Novamente o caráter de eventualidade e de constante movimento está presente.

De toda maneira, escrevo aqui esse meiólogo porque, por mais que eu tente não explicar nada, deixando apenas que o trabalho se explique, eu fui introduzido nessa linguagem que ainda

---

<sup>4</sup> Não estou falando dos benefícios da ciência. Esses, em muitos casos, atingem amplamente o povo, como no caso de vacinas, apenas para citar um exemplo atual.

<sup>5</sup> A discussão que eu quis trazer aqui não se trata de ignorar o passado e, também, o futuro. É outra. É a de que a vida acontece no meio — o agora — entre o passado e o futuro. É sobre o relativismo do tempo. Atento para a necessidade fundamental de conhecermos o nosso passado de forma concisa, com suas disputas de narrativas e não apenas a hegemônica. Da mesma forma, é preciso nos posicionarmos e construirmos um futuro melhor, mais inclusivo e menos desigual.

não consegui me desvencilhar totalmente. Contraditoriamente ao que proponho, o meu meiólogo é uma explicação fechada de algo por mim, como um percurso fechado no meio da vida, que não compromete todo o resto. Essa é hoje minha limitação maior. Entretanto, faz parte da minha trajetória, de quem eu sou, do meu percurso até agora, e isso me basta.

#### 4. DIÁRIO DE VIAGEM

*30 de setembro de 2021*

Hoje, quase um mês após a data em que saímos de casa, dou início à escrita do meu diário de viagem. Não será possível trazer tudo o que já aconteceu desde o dia 06 de setembro, data da partida, mas trarei algumas coisas que considero mais relevantes. A primeira delas é que partimos eu, minha mãe e o meu cachorro Xolotl. A ideia era que minha mãe viajasse comigo por um mês, saindo de Ponta Porã - MS, cruzando os estados do Paraná e de Santa Catarina pelo oeste, entraríamos no Rio Grande do Sul pelo norte e retornaríamos para Florianópolis para ela poder conhecer o mar. Mas esse período foi encurtado por causa das saudades que minha mãe sentia de casa. Chegamos em Florianópolis em 15 dias, e desde então estou na casa de um amigo na ilha, descansando e economizando na gasolina.

Saímos em uma Kombi furgão ano 2006 com um sofá cama, no caminho compramos um botijão de gás. Comemos apenas dentro da Kombi para economizar, tomamos banho nos banheiros de postos de gasolina, e dormimos estacionados em praças, ruas, e mesmo nos postos. Já dormimos também na beira do rio, por duas noites. A ideia é continuar dessa forma.

**Fotografia 1** - Xolotl no banco de motorista da Kombi, seu local preferido para dormir.

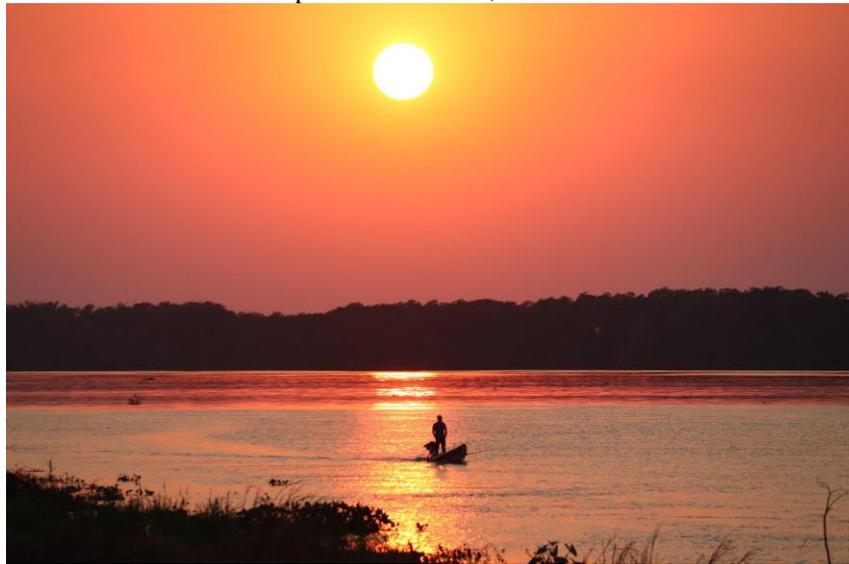


Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Em pouco tempo já conhecemos pessoas muito amigáveis e com boas histórias. Quando se começa a viajar dessa forma, parece que há um ímã, pois mesmo sem procurar tanto contato

no início, os encontros brotavam das situações mais banais. No primeiro dia de viagem, na beira do Rio Paraná, na divisa entre os estados de Paraná, Mato Grosso do Sul e o Paraguai, conhecemos o Claiton, um sujeito de cinquenta e poucos anos que desde muito jovem recusou o modelo de vida habitual e passou a viver fazendo expedições de barco. Já havia velejado, navegado a remo e a motor em grandes expedições pelos Rios Paraná, Iguaçu, entre outros, além do mar.

**Fotografia 2** - Nascer do sol no Rio Paraná, na divisa de Mato Grosso do Sul com Paraná e São Paulo. Em pé sobre o barco, o Claiton.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Suas falas, em muitos momentos, pareciam confundir realidade e fantasia, e eu só conseguia pensar em como tudo isso era legítimo e maravilhoso, em como a fantasia ronda não o imaginário, mas a vida prática e cotidiana das pessoas que fogem da monótona vida urbana-moderna, assim como eu estou tentando fazer agora.

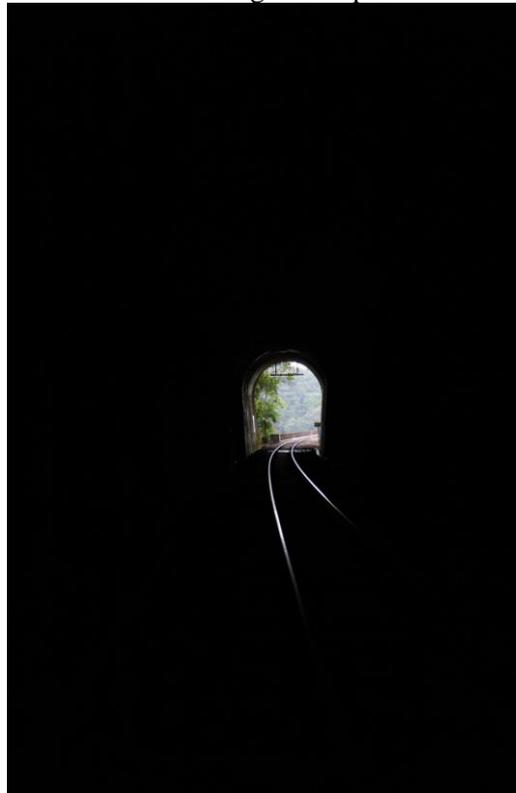
Conhecemos também um casal, no mirante da Serra do Rio do Rastro, de forma tão involuntária, e descobrimos que tínhamos muito em comum, como o gosto pela literatura, pela fotografia, e eles nos ofereceram sua casa para dormirmos, tomarmos banho, e nos ofereceu um café no café-literário do qual eram donos numa cidade próxima. Recusamos muito agradecidos devido a pressa da minha mãe, mas o ponto é que ao contrário do que se escuta muito hoje em dia, nesse pouco tempo, já foi possível perceber que há muito mais pessoas dispostas a ajudar do que o contrário.

Na casa desse amigo na qual me encontro agora, conheci um peruano que já rodou o mundo, passando por lugares pouco frequentados por viajantes ocidentais, e a cada história

contada por ele e por outros viajantes, agora, mais que antes, percebo que essas histórias, na verdade são como um abraço, um “bem-vindo” e um “boa sorte”. Cada história diz além do seu conteúdo um “Vá fundo que esse é o caminho”. Diz também “Cuidado com essas determinadas situações”. E, por fim, sempre tem o intuito de ajudar com um contato, uma dica ou qualquer coisa que torne a viagem uma experiência coletiva, da mesma forma como as suas viagens foram e estão sendo coletivizadas.

Houve também, nessa viagem, alguns momentos inoportunos, como viajar mais de 300 quilômetros dos quais 90 foram em estradas de chão em péssimas condições que renderam duas quebras do escapamento da Kombi. Nada demais, além do prejuízo em uma viagem já muito apertada do ponto de vista financeiro. Esse prejuízo se somou à troca de um reservatório no Paraná, que juntos me levaram 530 reais dos 1200 reais que tínhamos quando saímos de MS. No final, as reservas que eu não desejava mexer para guardá-las para ajudar no combustível e em burocracias fora do país (num momento futuro) precisaram ser usadas parcialmente. Assim, os 3.000 reais viraram 1.700 e, além disso, recebi a ajuda da minha mãe com dois tanques de gasolina e do meu pai com um tanque, além de outros reparos na Kombi. Sem isso, a minha viagem já teria se encerrado nos primeiros 15 dias. Agora espero ficar um mês em Florianópolis sem andar muito, devido ao preço do combustível, para depois voltar a rodar.

**Fotografia 3** - Luz no fim do túnel. Fotografia captada de dentro de um túnel férreo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

Outra informação importante é que estamos em uma pandemia de Coronavírus, que desestabilizou o mundo — será que já não estava estabilizado? — desde o início de 2020. O vírus, potencializado pelas políticas nacionais e pela necropolítica, matou milhões de pessoas em todo o mundo e as fronteiras entre os países ficaram fechadas por muito tempo. Agora o Uruguai anunciou que abrirá as suas fronteiras para pessoas vacinadas em 1º de novembro deste ano, então irei manter meu plano de seguir até Puerto Williams - Chile, a cidade mais ao sul do mundo, cruzando todo o Uruguai e a Argentina de norte a sul.

Por fim, quero falar das sensações que senti em alguns momentos durante a viagem. No primeiro dia, assim como o dia em que minha mãe partiu de volta para o Mato Grosso do Sul, senti-me bastante perdido, sem saber o que fazer, para onde ia, e sequer a velocidade em que devia seguir para o local que eu não sabia onde era. Um profundo questionamento do que eu estava fazendo, mas não no sentido de questionar se deveria seguir ou não, apenas a falta de parâmetros e referências porque não estava fazendo algo habitual, junto à certeza da necessidade de continuar. Essas sensações são extremamente desconfortáveis e viciantes ao mesmo tempo. São tão incômodas na mesma proporção que nos satisfazem. Me senti vivo depois de anos, sem exageros de narrativa. É preciso fazer coisas diferentes para sentirmos o mundo de maneira diferente.

**Fotografia 4** - Minha mãe Celestina e meu cachorro Xolotl no Rio Paraná em Salto del Guairá - PY.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

**Fotografia 5** - Família que conhecemos e com quem passamos um domingo na prainha do Cascalho, em Mundo Novo - MS.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

*3 de outubro de 2021*

Hoje passei por uma situação extremamente chata e revoltante envolvendo a polícia militar do estado de Santa Catarina. Saímos para beber eu e mais três pessoas, de Kombi. Fomos à Lagoa da Conceição, onde estão concentrados os bares mais jovens e alternativos. Eu fui dirigindo a Kombi e a ideia era esperar passar o efeito do álcool antes da volta para o Rio Vermelho, onde fica a casa em que estou hospedado. Passamos a noite bebendo na rua e em algum momento da madrugada fomos para a Kombi onde paramos de beber e ficamos conversando por horas, até amanhecer. Quando estávamos todos na Kombi, por volta de 8 horas da manhã, estacionados em local permitido, a polícia chegou junto a uma ambulância para socorrer um homem que passava mal a cerca de 30 metros da Kombi, provavelmente alcoolizado. Ficamos observando e dois dos meus amigos haviam prestado ajuda. Após a ambulância sair com a vítima, a polícia deu uma volta pela rua, parou atrás de nós e um policial veio nos abordar, de forma totalmente desproporcional e com muitos abusos de autoridade. Perguntou se esperávamos alguém e dissemos que não, então já num tom bastante autoritário e gritando, bateu na lataria da Kombi e nos mandou ir embora dali, o que, além de não ter justificativa, é ilegal. A Valentina, que estava conosco, perguntou o motivo e disse que não entendia por que ele nos tratava daquela forma. O policial respondeu que não havia uma razão e que a prenderia por desacato a autoridade se ela falasse mais uma palavra, o que seria outro crime por parte dele, já que não houve desacato. Após isso, segurando na arma de fogo disse

que nos daria 1 minuto para sair dali e começou a contar. Pedi para meus amigos não tentarem argumentar e discutir, porque não adianta conversar nessa situação. O caso estava dado. Um homem frustrado, autoritário e extremamente incapaz de lidar com o pouco poder que tinha naquela farda, abusava desse poder para intimidar e ameaçar gente como ele, que também é parte do povo e tem papel marginalizado na sociedade. Quando saímos de lá, não fiquei com tanta raiva porque senti que poderia ter sido pior. Pensei que quando nós subíssemos na Kombi, eles nos parariam de novo e pediriam para eu fazer um teste de detecção de álcool, e apesar de eu não estar mais sob efeitos do álcool, possivelmente um teste acusaria positivo, já que eu havia bebido a poucas horas. Lembrando-me que ficaríamos ali por mais tempo e eu só dirigi porque fomos obrigados a sair. Se isso ocorresse, eu perderia minha carteira, seria preso, e ficaria impossibilitado de seguir minha viagem, que não passa ainda de 1 mês. Depois, com o passar do dia, fui ficando cada vez mais incomodado com o que aconteceu, porque é essa a relação da polícia com a sociedade. Sem entrar no mérito da legitimidade questionável que a polícia tem como força de opressão a serviço do Estado, como pode essa instituição tentar vender a imagem de que presta serviço à sociedade? Que sociedade é essa? Talvez queiram dizer a alta sociedade ou à sociedade do mundo business, porque a relação que têm com a grande parte da sociedade é baseada no medo, na repressão, na violência, no abuso do poder, e cada vez fico mais impressionado com quem nega essa realidade. Fico relembando que estávamos em Florianópolis, e que quase todos conosco eram brancos, além de estarmos numa área movimentada. Penso que não há surpresa na grande quantidade de notícias que cresce diariamente de casos de violência e assassinatos de pessoas nas periferias pela polícia no Brasil à fora. E as pessoas que além de pobre como eu ainda são pretas, diante de um Estado de bases racistas? O quão mais oprimidas são pela polícia?

*5 de novembro de 2021*

Hoje faz dois dias que eu saí da casa do Evandro em Florianópolis. Foram 38 dias. Eu cheguei como um conhecido e saí como um amigo devido a esse tempo que passamos juntos. Isso me fez pensar em como as coisas precisam de tempo para fazer sentido, para se solidificarem. Digo isso porque tenho tido dias difíceis nos quais me questiono se vale a pena o que tenho feito. A grana acabou já na primeira semana do mês, restando apenas o suficiente para ir de Laguna - SC à Uruguaiana - RS em combustível. A gasolina está custando 6,50 nos postos mais baratos e mesmo os itens básicos estão bem inflacionados. Mas voltando ao que eu

falava antes, a despedida do Evandro foi difícil, pois a minha estadia durou o tempo suficiente para que criássemos uma rotina, assim como com a Valentina, mas ela foi embora uns dias antes. E agora estou aqui, precisando reunir forças para lidar com os novos dias que têm sido cruéis e melancólicos. Tenho pensado muito se devo continuar viajando com meu cachorro Xolotl ou se devo levá-lo de ônibus até a casa da minha mãe. Ele é a minha única companhia nos dias solitários e meu suporte emocional, mas não sei se a viagem tem sido boa para ele, e acredito que não. Ao mesmo tempo, eu deixo de fazer muitas coisas por conta dele, pois não posso deixá-lo sozinho trancado na Kombi e ele não é adestrado. Além de muitos locais não permitirem a entrada de animais de estimação.

Neste momento estou num posto na beira da rodovia. Aqui no litoral de Santa Catarina venta muito e tem feito calor. Estou me sentindo sujo, pois a areia trazida pelo vento gruda na pele, e estou analisando se tomo banho hoje ou se apenas improviso uma limpeza, pois o banho custa dez reais e eu já tive que pagar ontem. Ontem, aliás, tentei vender postais de lugares que visitei nessa viagem e em outras, mas o tempo hostil com muito vento e areia não me permitiu ficar mais de meia hora fora da Kombi. Eu estava na praia do Pinheiro em Palhoça - SC. Não consigo parar de pensar que preciso fazer esse trajeto até Uruguaiana durar um mês, sendo que poderia fazê-lo em 4 dias, ainda mais com essa vontade que tenho de fugir daqui, dos meus problemas e pensamentos, e de chegar em algum lugar onde eu tenha os confortos de uma casa e de pessoas queridas. Lá irei visitar a minha amiga Letícia, da qual morro de saudades, e sua família. Também pretendo deixar a Kombi e o Xolotl por uns dias e voltar para Dourados para descansar um pouco, ver família e amigos e renovar as energias. Novamente a viagem tem mostrado a sua face dura até aqui, mas faz apenas dois meses que saí de casa e boa parte da culpa é minha, por não ter levado em consideração muitas coisas e ter saído mal estruturado em vários aspectos, para não dizer todos.

**Fotografia 6** - Eu e Evandro no Morro da Coroa, na trilha da Lagoinha do Leste em Florianópolis - SC.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

### *Ayahuasca*

A poucos dias participei de um ritual de Ayahuasca. Foi a maior experiência da minha vida e não cabe descrevê-la. Apesar de ser fantástico e de eu querer gritar para o mundo o que eu vi e senti, sei que é impossível traduzir em palavras esses sentimentos que surgem de uma grande expansão sensorial, e isso me deixa muito tranquilo em não o descrever — o ritual. Penso que todas as pessoas deveriam passar por essa experiência ao menos uma vez na vida. Todavia, não posso ignorar o fato de que é necessário discutir a mercantilização dessa prática na atualidade. A ilha de Florianópolis está cheia de brancos que se autointitulam xamãs e comercializam o ritual sem nenhum vínculo e respeito pelas culturas que tradicionalmente a praticam.

Ter feito isso com o Evandro pode ter ajudado a estreitar os laços, pois é uma experiência coletiva para os que estão na cerimônia. O motivo de eu trazer a ayahuasca para o diário, no entanto, é outro. Além da experiência surreal, ela tem influência na minha decisão de prosseguir a viagem mesmo com as adversidades. Ela me mostrou — eu me mostrei — que é preciso lidar com os momentos difíceis. É preciso aceitar que na vida há momentos felizes e, também, tristes, e temos que respeitar a dor, os nossos momentos de angústia e aprender com eles, e sinto que tenho aprendido muito. Eu disse que “eu me mostrei” porque sou bastante cético do ponto de vista de um suposto plano espiritual, e aquilo que chamam de medicina — o chá de ayahuasca — se apresentou para mim como um intenso diálogo comigo mesmo, mas quebrando o ego e me tornando o mesmo chão que piso, a mesma comida que como, a mesma roupa que visto, o

mesmo outro. Tive uma sensação muito forte de pertencimento ao universo e a um todo. Eu perguntava e eu dava a resposta, e a escutava, e a via. Também não quero afirmar que é preciso sofrer para aprender. Nem tudo é pela dor. Sobretudo quando a dor é fruto de injustiças sociais. Quero dizer que temos que aprender a lidar com a nossa dor. Ela nos ajuda a nos conhecer e quem sabe transformá-la em potência, em contrapoder. Precisamos nos olharmos mais, nos pôr à prova para vermos até onde vamos, do que somos capazes. Tenho experimentado o submundo proposto aos excluídos desde que saí a viajar. Tenho percebido um mundo do lado de cá, dos que não tem o poder de autoafirmar-se. Aqui é duro, mesmo que para mim ainda seja só um jogo do qual eu posso desistir e voltar para o conforto de casa, enquanto a maioria sequer tem essa possibilidade, mas aqui me senti também muito mais acolhido por aqueles dos quais faço parte agora — momentaneamente? Com isso afirmo que esse submundo dos excluídos não existe, é apenas uma projeção daqueles que nunca se permitiram descobrir-se profundamente, ou que não tiveram a oportunidade. Aqui, na verdade, é o mesmo mundo, não submundo, e sinto que me distancio cada vez mais do jogo que posso abrir mão para o conforto. Sinto-me no caminho de estabelecer-me aqui, onde sinto tudo. Amor, tristeza, alegria, ódio, saudade, dor, é preciso lidar com tudo frente a frente. Desde que saí em viagem, tenho vivenciado e sentido muito do que estudei na universidade. Parece que só agora estou aprendendo mesmo. Esse é o meu maior trabalho de campo até agora. Hoje me sinto mais geógrafo do que no dia que recebi meu diploma. É um campo no mundo do qual faço parte e no meu mundo interno, não um papel assinado com coisas escritas, atestando algo. Tenho aprendido muitas coisas.

Sou biólogo e viajo muito pela savana do meu país. Nessas regiões encontro gente que não sabe ler livros. Mas que sabe ler o seu mundo. Nesse universo de outros saberes, sou eu o analfabeto. Não sei ler sinais da terra, das árvores e dos bichos. Não sei ler nuvens, nem o prenúncio das chuvas. Não sei falar com os mortos, perdi contacto com os antepassados que nos concedem o sentido da eternidade. Nessas visitas que faço à savana, vou aprendendo sensibilidades que me ajudam a sair de mim e a afastar-me das minhas certezas. Nesse território, eu não tenho apenas sonhos. Eu sou sonhável (COUTO, 2011, p. 14-15).

**Fotografia 7** - Inseto na folha de uma flor amarela. Praia do Moçambique, Florianópolis - SC.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

**Fotografia 8** - Colmeia de marimbondos numa rocha na praia de Moçambique, Florianópolis - SC.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

*Cabo de Santa Marta, 09 de novembro de 2021*

Hoje é uma terça feira e narro fatos que me ocorreram nos últimos dias. Antes abro um parêntese para contar-lhes como a minha relação com o tempo tem mudado e tenho percebido coisas que antes passavam invisíveis aos olhos. Estou em um estacionamento em Cabo de Santa Marta, onde dentro de alguns dias estará lotado de carros, de pessoas que vem consumir na praia na alta temporada. Enquanto isso, reparei no intervalo de duas horas em que preparei meu almoço simples e comi, quantas pessoas paravam seus carros por cerca de 5 a 10 minutos e almoçavam qualquer coisa pronta apressadamente nesse amplo estacionamento quase vazio. A

fruição da vida talvez tenha se apresentado tão dura ou mais quanto para mim, que ao menos tenho tempo de almoçar tranquilamente e escrever essas linhas.

Agora dou início a narrativa que havia falado. Antes de sair de Florianópolis, meu pai havia mandado para mim 100 reais para ajudar com a gasolina no final do mês — com todo esforço, fazendo malabarismo com a limitada receita que tem. Pensei então em fazer algo melhor com esse dinheiro. Em parte, porque eu estava apertado, em parte pela culpa que eu sentia de ter tomado umas cervejas naqueles dias. Decidi então revelar fotografias que tirei em minhas viagens e vendê-las como postais. Parecia uma boa ideia, mas o investimento me levou cerca de 200 preciosos reais. A pressão então aumentou para recuperar o dinheiro e ajudar nas minhas despesas com o lucro, porém, a primeira semana se mostrou cruel. Após a tentativa fracassada em Palhoça tentei vendê-las num campeonato de surf em Laguna. Fiquei expondo em frente a Kombi por 5 horas e não vendi nenhuma. Na hora que teria mais movimento, pois o campeonato havia acabado e as pessoas retornariam para o estacionamento onde eu estava, começou a chover forte e tive que recolher meus materiais. Foi um choque o tamanho do fracasso que começou a me afligir e a trazer pensamentos pessimistas.

No dia seguinte, domingo, fiquei pensando se eu ficaria ali no campeonato de surf mudando a minha abordagem ou se iria ao centro histórico tentar vender na praça. Fui ao centro, depois de muita reflexão, pois queria subir no morro que fica ao lado da praça. Chegando lá não havia movimento algum, parecendo que mesmo os pombos haviam tirado o domingo para ficar em casa, e que a cidade, apesar de turística, não recebia turistas. Começava a aceitar outro dia sem vendas. Vi que ao lado da Igreja, num centro cultural, algumas pessoas mexiam na montagem de uma feirinha. Feirinha da amizade de Laguna, que hoje para mim significa muito. Perguntei, depois de muita reflexão — às vezes é duro ser introvertido —, se eu poderia expor minhas fotos. Responderam que sim. Apressei-me e montei a minha mesa improvisada para expor, e fiquei das 9hs às 16hs sem vender nenhuma foto novamente. Pensava apenas que em seis dias de trabalho (três em recorte e acabamento das fotos e outros três tentando vender) eu não havia vendido sequer uma foto, recuperado sequer um real. Pensei logo que meu método estava errado novamente, pois o tempo está difícil para todos, e por mais que as pessoas gostassem das minhas fotos, optariam por comprar algo que lhes fosse útil concretamente. Então nas próximas vendas eu deveria tentar onde não houvesse tanta concorrência. Já no fim da tarde vendi duas fotos pequenas por R\$ 10 e logo depois mais quatro por R\$ 15. Eu já havia ficado feliz porque pagaria a balsa (R\$ 17) que possibilitou eu estar aqui agora, no lugar incrível que me encontro. O melhor, no entanto, ainda estava por vir.

No final da feira, as 17hs, quando todos já estavam desmontando seus estandes, uma das organizadoras veio até mim e disse que todos haviam feito uma vaquinha para me ajudar, e me deu algumas notas e moedas, além de um bolo delicioso e uma empada tão graciosa quanto o bolo. Emocionei-me, fiquei sem palavras e a sensação foi indescritível, pois eu estava muito sensível devido aos acontecimentos dos últimos dias. Eu disse que não sabia o que falar, mas senti que todos sabiam da minha gratidão. Eu disse que escolhessem e levassem fotos, que dessa forma estariam me ajudando muito e a resposta foi: “É por isso que se chama feirinha da amizade!”. Só de lembrar me arrepiam os pelos. Eu nem queria contar quanto tinha recebido de dinheiro. Pouco importava, e a grana ficou lá por mais algumas horas intocada. O principal foi a energia que me foi renovada naquele ato. Que grandeza das pessoas que estão dispostas a serem suporte! Sai desnortado, rindo e chorando e fui andar pela cidade com o Xolotl — que havia ficado preso na Kombi o dia todo (na sombra e com os vidros parcialmente abertos).

Sem saber por onde ia, cheguei ao cais de Laguna e foi uma das cenas mais bonitas da viagem até então. O lago imenso, com a luz do sol refletindo em suas águas e o centro histórico ao fundo. Foi assim que Laguna se tornou especial para mim. Um lugar que antes não havia nenhuma ligação, que por vezes pensei em não entrar e sequer entendia o porquê fiquei mais de um dia. Laguna me cativou e me deu o que eu precisava.

Um imenso obrigado a todos os participantes da feirinha da amizade de Laguna, vocês nem sabem que foram muito mais importantes para mim e minha viagem do que imaginam. Pelo significado da ação, mais do que pelo dinheiro arrecadado, que deu R\$ 93,80.

Adendo: Quando cheguei ao cais com o Xolotl liguei sem avisar para a Letícia. Falamos por quase duas horas. Naquele momento me sentia transbordando e ela partilhou gentilmente comigo as alegrias e as tristezas. Acertamos da visita que lhe farei em breve.

**Fotografia 9** - Eu correndo em direção a Kombi para tentar tirar uma foto ao lado dela, mas o temporizador de 10 segundos dispara antes. Aos fundos, dunas e sambaquis.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

*Cabo de Santa Marta, 10 de novembro de 2021*

Ontem, após escrever as últimas páginas, saí para conhecer o pequeno povoado. Fui ao Farol de Santa Marta, a maior estrutura do mundo construída com óleo de baleia, com 28 metros de altura. Muito além do farol, o povoado é um tanto privilegiado pelas paisagens que tem. O relevo esculpido cuidadosamente pelos ventos, pelo mar, pelos povos que habitam e habitaram por aqui desde cerca de 7 a 10 mil anos atrás. Do alto dos morros se vê o horizonte marítimo, as dunas, um grande lago, o povoado agarrado nas montanhas, cidades e praias a muitos quilômetros de distância e os sambaquis. Esses últimos são os que mais me encantaram, não pela beleza ímpar, mas por todo seu significado. Os sambaquis são dunas de areia e conchas que são sítios arqueológicos, considerados cemitérios indígenas dos povos que habitaram o litoral brasileiro milênios atrás.

Depois de sair do farol e passar na praia, onde pedi para carregar meus equipamentos em um bar, fui ao Morro do Céu e ao Sítio Arqueológico III, de onde é possível ver o pôr do sol magnífico, iluminando de dourado toda a vila e o entorno. Lembro de ter pensado, no dia em que cheguei ao Cabo, se iria visitar esses lugares imediatamente ou se deixaria para o dia seguinte, na esperança do tempo nublado dar lugar ao céu limpo e ensolarado. Deixei para o dia seguinte e agora só penso que foi a decisão mais acertada que tive, cada morro contornado, cada pedra escalada, cada guinada para qualquer lado apresentava uma vista estarrecedora de beleza cenográfica.

De cima do sambaqui, olhando para o norte, sul, leste e oeste, se tem quatro paisagens totalmente diferentes e cada uma delas está entre as vistas mais belas que já vi em toda minha vida. Tudo visto a partir de um ponto tão significativo do ponto de vista geográfico, histórico e antropológico. Novamente a sensação de estar ali foi muito além do nosso limitado senso visual e impossível de ser traduzido para a língua. Foi um instante de sensibilidade poética e de plena aceitação da existência.

Agora estou no estacionamento onde dormi novamente, me preparando para almoçar e seguir viagem. Para onde? Não sei! Mas não muito longe.

**Fotografia 10** - Pôr do sol visto sobre o Sítio Arqueológico Santa Marta III, em Cabo de Santa Marta - SC.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

*Os pássaros se amostram aqui  
Plainam do seu ladinho  
Os pardais vêm pulando e lhe dizem “oi”  
As borboletas também  
As formigas...*

*Aqui os outros bichinhos não têm medo de nós  
Eles é que estão em casa e deixam claro  
Que tipo de gente vem aqui que não espantaram  
os bichinhos ainda?*

*Os cachorros do povoado dormem em meio à restinga  
onde há serpentes venenosas  
E se algo lhes acontece, pelo menos eu não  
estou sabendo. (LIMA, 2021c).*

**Fotografia 11** - Duna vista a partir de um sambaqui em Cabo de Santa Marta - SC.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

### *Carta sem coragem*

*Esta carta não tem coragem de dizer sequer uma palavra para quem está endereçada. É uma carta covarde. Faz senão que fugir pelas palavras marginais, as de significado mais subjetivo. Ela sequer se enviará, mas quer dizer o que não se encoraja.*

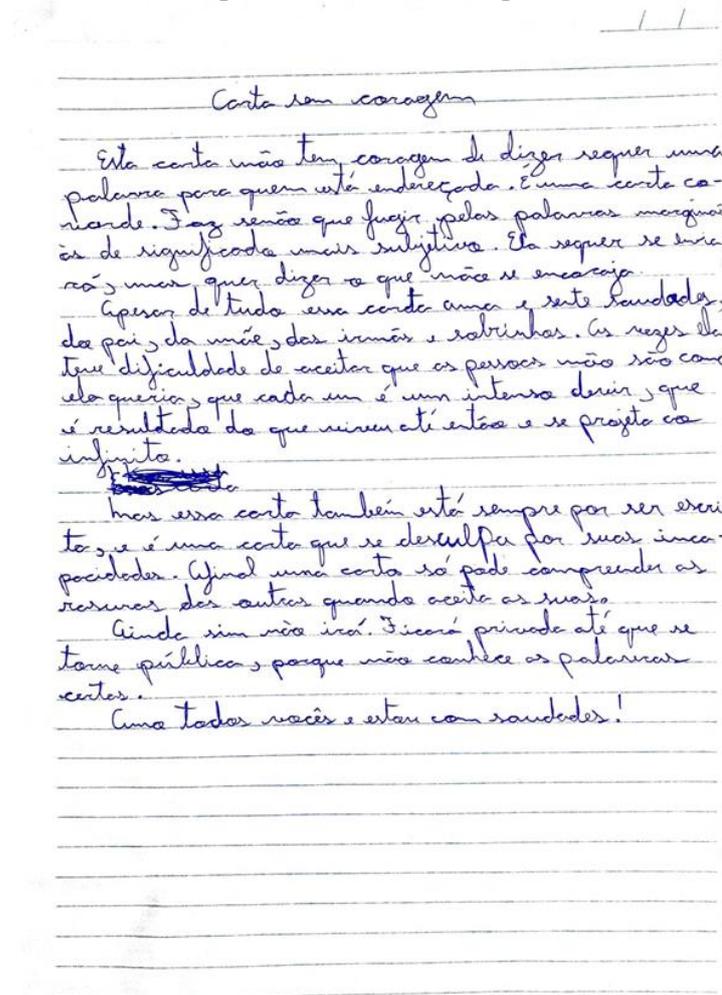
*Apesar de tudo, esta carta ama e sente saudades, do pai, da mãe, das irmãs e sobrinhos. Às vezes ela teve dificuldade de aceitar que as pessoas não são como ela queria, que cada um é um imenso devir, que é o resultado do que viveu até então e se projeta no infinito.*

*Mas esta carta também está sempre por ser escrita, e é uma carta que se desculpa por suas incapacidades. Afinal, uma carta só pode compreender as rasuras dos outros quando aceita as suas.*

*Ainda assim não irá. Ficará privada até que se torne pública, porque não conhece as palavras certas.*

*Amo todos vocês e estou com saudades! (LIMA, 2021d).*

**Figura 6** - Carta sem coragem.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

**Fotografia 12** - Ponto de ônibus de frente para a praia em Cabo de Santa Marta - SC. Foto tirada a partir de um grande estacionamento público onde dormimos na Kombi por três noites e onde escrevi a carta e parte do diário.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

#### 4.1. Breves considerações acerca do diário de viagem

Como já comentado no “meiólogo”, vejo que muitas ideias expostas no meu diário de viagem já não são mais recorrentes em meus pensamentos. Todavia, as considerações que quero fazer são outras. São, talvez, aquilo que ficou fora do meu diário por motivo de conveniência, ou por uma incapacidade minha de leitura de determinada situação na qual estive, ou, quem sabe, um desencontro tecnológico.

Durante a defesa de qualificação, o presidente da banca e meu orientador, Jones, fez uma observação no sentido de atentar para as rasuras e coisas ocultas no trabalho. Disse que lhe chama muita atenção as rasuras dos trabalhos em geral, assim como aquilo que não é mostrado. O que habita as entrelinhas. A Juliana, por sua vez, num apontamento mais prático, me disse para tomar cuidado com o uso de imagem de pessoas sem a devida autorização. A verdade é que eu sabia da necessidade de autorização, mas esperava conseguir até a data da defesa da dissertação. A autorização deveria ser por parte do Claiton, o sujeito que encontrei na beira do Rio Paraná, nos primeiros dias, na divisa dos estados de Mato Grosso do Sul e do Paraná.

A breve relação que construí com o Claiton, as ideias que trocamos, me inspiraram naquele momento, e sem pensar duas vezes queria ele no meu trabalho. Certa vez o Claiton me convidou para uma volta pelo Rio Paraná no seu pequeno barco construído de materiais reciclados, e pediu para que eu tirasse algumas fotos dele com a minha câmera. Ele gostava muito de aparecer nas fotos, além de ser fotogênico e de transparecer aquilo que é a partir de sua aparência física.

Gostei muito de uma das fotos, que foi aquela que coloquei no texto de qualificação, mas que neste momento vocês já devem ter percebido que não está mais no trabalho. Talvez seja a foto que eu mais tenha gostado no trabalho, e que agora não está nele.

O motivo da foto não aparecer no trabalho é que eu não consegui mais fazer contato com o Claiton. Ele me passou seu número de telefone, mas a verdade é que ele não usava muito o celular, que até não estava em sua posse quando nos conhecemos, pois precisava de manutenção. Ele também me sugeriu adicioná-lo numa rede social, e assim o fiz, mas a verdade é que ele também não sabia, aparentemente, mexer muito nas redes sociais. Pensei, por último, em fazer um esforço e ir até o lugar que eu o havia encontrado, mas como já escrevi no diário, ele não tem residência fixa, e já planejava sua viagem pelos rios até Minas Gerais naquela época — setembro de 2021. Dessa forma, me vi impossibilitado de fazer contato, pedir a devida autorização, e dessa forma poder utilizar sua imagem.

Tudo isso me fez lembrar de uma história. No dia 08 de setembro, se a memória não me falha, eu conversava com o Claiton e ele falava da possibilidade de nos encontrarmos, em algum lugar, pois eu tinha a pretensão de ir para a região Sul, enquanto ele iria ao Norte pelos rios. Quem sabe, disse ele, eu não retorno pelo litoral e nos encontramos em Guaratuba, ou alguma parte do litoral do Paraná ou Santa Catarina. Eu disse, então, que se as fronteiras com a Argentina e o Uruguai permanecessem fechadas até dezembro daquele ano, possivelmente eu retornaria para uma viagem até o Nordeste ou Norte do Brasil e, talvez pudéssemos nos encontrar em Minas Gerais ou algum outro lugar.

Eu disse, em algum momento em que apresentei o Claiton no diário, que ele era um sujeito muito marcado por seu estilo de vida, e às vezes parecia até mesmo misturar realidade com fantasia. Apesar de muitas vezes marcarmos encontros que nunca acontecerão, naquele momento eu acreditava que tal reencontro poderia acontecer — ou não. Depois da situação com a autorização do uso de imagem me pus a pensar sobre como foi o nosso encontro, e que nele houve dois lados, e não apenas o meu. Passei a reinterpretar a situação na qual combinamos de manter contato e nos reencontrarmos, e fui percebendo, aos poucos, que ele sabia que era muito mais provável que jamais nos víssemos novamente. Não por vontade de alguma parte, mas pelo acaso e pelas vidas que havíamos escolhido. Achei engraçado pensar dessa forma, e em como me atrevi em falar de supostas fantasias por parte de um sujeito, sem perceber as minhas. Talvez tenha sido ele quem estivesse com a consciência mais apurada sobre a situação. Aquilo que eu havia chamado de fantasia era, na verdade, eram as suas assinaturas de vida, resultado de suas histórias, escolhas e trajetória. Eu tenho as minhas também.

Outra observação sobre o diário de viagem, que também é sobre algo que está oculto, e sobre rasuras do meu percurso, é o tempo que sucedeu do dia 10 de novembro de 2021 até os primeiros dias de 2022, quando a minha viagem — ou ao menos aquela que eu planejava — se encerrou. Esse encerramento aconteceu justamente numa fronteira, como a que eu nasci em Ponta Porã - MS, e que me atraiu bastante. Esse período não está no trabalho, não por uma opção minha em não o ter posto, mas simplesmente porque não escrevi. Todavia, foi talvez o tempo mais intenso da viagem. Um misto tão potente de tantas coisas que me encontrei absolutamente incapaz em escrever. Inclusive, naquele tempo, eu estava parado em um local — Uruguaiana - RS —, e não rodando pelas estradas.

Em Uruguaiana estive com pessoas muito queridas, que fizeram toda a diferença para mim naquele momento em que a minha saúde mental estava bastante desgastada, assim como a de muitas pessoas nos últimos tempos. Por muito tempo eu não queria falar sobre, e sequer

lembrar muito daquele período que me trazia, e ainda traz, lembranças bastante doloridas. Não foi um tempo de todo mal. Tiverem também vários momentos que me faziam e me fazem querer lembrar de tudo que vivi lá, naquela fronteira. Talvez por isso a minha incapacidade de lidar e interpretar aquele período e, dessa forma, escrever sobre ele. Não sei classificá-lo, até agora, se foi bom ou ruim. Talvez nem seja necessário, não é?

Mas é fundamental repetir, quantas vezes forem necessárias, que o que de melhor teve naquele tempo, foram as pessoas com as quais tive a oportunidade de construir relações, tanto lá, quanto à distância. As pessoas me acolheram e tiveram um cuidado muito grande comigo, em Uruguaiana. Meus pais, preocupados, e hoje percebo que com razão, percorreram cerca de 2.800 quilômetros entre ida e volta para me buscar. Contaram com a ajuda de um tio e do meu cunhado. Tive muita sorte de tê-los todos como pessoas próximas.

A história sobre a autorização do Claiton e da minha passagem por Uruguaiana me fazem pensar que a vida é construída também nesses percalços, nessas rasuras, em tudo que não é mostrado, explícito, apresentado ou defendido.

O que está neste trabalho, assim como no diário de viagem, é, antes de qualquer coisa, uma escolha. Uma escolha minha do que apresentar. Do que tornar público. É, portanto, um recorte. A vida, em contrapartida, foge às definições, pois é aquilo que é. A vida é movimento, e não recorte. A vida é ação sobre as situações que nos colocam ou que nos colocamos. É o não esperado, o não mostrado, o não dito, o que faremos sobre as coisas que acontecem. Talvez seja mesmo uma reação aos deslocamentos.

## 5. CONSIDERAÇÕES

Os movimentos da vida, materiais ou imateriais, não são uma escolha, mas inevitáveis. Todo desconforto socioespacial que experienciamos é uma resposta às tentativas de homogeneização, estratificação, estatização — no sentido de tornar estático — e controle da vida das pessoas por meio de relações desiguais de poder. Um exemplo dessa tentativa são os nacionalismos exacerbados que tem emergido ao redor do mundo e sobretudo no Brasil. Tal fenômeno tem como uma de suas bases a visão cartesiana que idealiza uma suposta homogeneidade e coerência que a sociedade tinha (MASSEY, 2000), mas que vêm perdendo por conta de novos movimentos sociais e espaciais — novas configurações de famílias, migrações, mudanças no papel social das mulheres, entre outros. A realidade é que a sociedade nunca deixou de estar em movimento em todos os seus aspectos. O que acontece é que hoje essas pautas têm ganhado mais espaço como resultado de lutas populares.

Do ponto de vista das viagens, expressas nos filmes e na minha experiência, o movimento material e imaterial se mostram indissociáveis. As pessoas, as personagens e eu vamos tecendo nossos lugares no cruzamento das nossas histórias com outras (MASSEY, 2008). O ponto de partida e chegada da minha viagem foi a mesma casa, no mesmo bairro e na mesma cidade — que já não estavam no mesmo lugar, no mesmo aqui/agora (MASSEY, 2008). Entretanto, fui construindo novas assinaturas identitárias no caminho, justamente porque a minha viagem não foi um mero transporte de um ponto ao outro. Foi uma peregrinação, na qual a distância não era um obstáculo a ser vencido (INGOLD, 2015). Não me desloquei sobre o espaço, mas através dele.

Existem muitas formas no mundo. Essas formas estão carregadas de significados, são heterogêneas, múltiplas, são concretas e abstratas, não são dicotômicas e nem bidimensionais. Existe diversidade no mundo, queira ou não, e existem também diferentes formas de percepção dessa realidade. Existem também culturas, que aliadas às diferentes formas de percepções da realidade, parecem criar uma infinidade — para que contar? — de possibilidades de se relacionar com o mundo. Existe gente, fauna, flora, conhecimentos distintos, cerâmicas, indústrias, poesia, idiomas, hábitos, instintos, sentidos, invenções, cores, sentimentos, casas, rios, climas e infinitas coisas sem qualquer parâmetro de distinção, classificação e mensuração. Toda forma de se relacionar, se dá no uso de um conjunto dessas formas combinadas, em combinações de tantos fatores objetivos e subjetivos que se tornam únicas, expressas de algum jeito único, por alguém que recebeu um estímulo sensorial.

Daí a subjetividade como fator fundamental na espacialidade. É o que me faz, e a todos e todas, ter uma experiência única de movimento — vida — com o mundo, a partir de estímulos objetivos. Isso não deve fragilizar, de forma alguma, as lutas coletivas do cotidiano. Pelo contrário, só o caráter único de cada existência e experiência é que nos possibilita a condição revolucionária de somarmos uns com os outros, principalmente em prol de demandas objetivas que possam surgir. Não se trata de uma soma matemática na qual unidades de mesmo valor (ex.: valor 1) podem ser somadas — se for assim, caso trinta unidades iguais de valor 1 forem somadas, teremos 30 (trinta) como resultado. Trata-se de experiências únicas que possibilitam ideias diversas. Se hipoteticamente trinta pessoas passassem pelas mesmas experiências de serem injustiçadas e tivessem a mesma ideia sobre elas, teríamos como resultado da soma dessas experiências apenas uma ideia. Em contrapartida, se cada um experienciar a mesma situação de formas diferentes, no final teremos trinta ideias somadas em prol de um objetivo comum.

Parece-me que tudo aponta para uma multidimensionalidade da existência, que se multiplica exponencial e infinitamente, ao mesmo tempo que forças autoritárias sobre o espaço parecem necessitar que tudo seja bidimensional, que as dicotomias apontem os caminhos limitados. Parece-me que há uma necessidade de mapear, conhecer e controlar as formas de existência. Daí o desgosto de muitos para com a diversidade. Esses caminhos têm apenas um início, um meio e um fim, apenas uma linha de fuga, porque precisam ser vigiados. São apenas uma única ideia sobre as coisas, sobre o mundo. Precisam ser inquestionáveis e por isso se transformaram em hábitos, valores, normas rígidas. Essa realidade é raiz (DELEUZE; GUATTARI, 2012) num espaço estriado. Mas há junto a essa raiz e esse espaço estriado um rizoma e um espaço liso, que são opostos, mas só existem de forma interdependente ao que lhe é antagônico.

A análise dos filmes e a minha experiência narrada através do diário são também uma tentativa de trazer essas questões para o campo das discussões acadêmicas. Trazer esses aspectos subjetivos que são tão fundamentais na constituição das espacialidades quanto as questões pragmáticas. Tentei utilizar os filmes e o diário não como representação de teorias, mas partir deles para discutir outras leituras do espaço, acessíveis a todos que o constrói.

Os deslocamentos são vistos como produtores de lugares e do espaço, portanto, de diversidade. Não apenas deslocamentos do ponto de vista material, mas também de condições simbólicas dos sujeitos. Deslocamentos de ideias, deslocamentos de sentimentos, de identidades.

## 6. REFERÊNCIAS

ANDARILHO. Direção: Cao Guimarães. Produção: Beto Magalhães. [S. l.]: Cinco em ponto, 2006. *On-line*. (80 min.), son., color., 35 mm. Disponível em: <https://vimeo.com/caoguimaraes>. Acesso em: 22 abr. 2020.

BARROS, Manoel de. Retrato do artista quando coisa. *In*: BARROS, Manoel de. **Retrato do artista quando coisa**. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2002. p. 79.

CLANDESTINO. Compositor e intérprete: Manu Chao. *In*: Clandestino. Intérprete: Manu Chao. França: Virgin Records; Ark 21 Records, 1998. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=TyA-oz7lSrc>. Acesso em: 22 nov. 2021.

COUTO, Mia. **E se Obama fosse africano?** E outras interinvenções. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O liso e o estriado. *In*: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2012. v. 5, p. 179-214.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução: Rizoma. *In*: DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Ed. 34, 2012. v. 1, p. 17-50.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

DIÁRIO DE MOTOCICLETA. Direção: Walter Salles. Produção: Edgard Tenenbaum, Michael Nozik e Karen Tenkoff. Local (produção conjunta): Buena Vista Internacional e Focus Features, 2004. 1 DVD (126 min.), son., cor.

FAMÍLIA RODANTE. Direção: Pablo Trapero. Produção: Pablo Trapero, Robert Bevan, Donald Ranvaud. [S. l.]: Buena Onda Distribution Company, 2004. (103 min.), son., cor. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=M3PuaPNoc3g&ab\\_channel=RonningVideo](https://www.youtube.com/watch?v=M3PuaPNoc3g&ab_channel=RonningVideo). Acesso em: 12 dez. 2021.

GALEANO, Eduardo. As fontes Subterrâneas do poder. *In*: GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Porto Alegre: L&PM, 2016, p. 192-242.

GUEVARA, Ernesto Che. **De moto pela América do Sul: diário de viagem**. São Paulo: Sá, 2003, 192 p.

INGOLD, Tim. **Estar vivo: ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Vozes, 2015.

KAFKA, Franz. **O castelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 366 p.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020a.

KRENAK, Ailton. **A vida não é útil**. Pesquisa e organização: Rita Carelli. São Paulo: Companhia das Letras, 2020b.

LIMA, Mateu Janú de. Me fadiga muito cumprir prazos, horários.... Manuscrito, 2021a.

LIMA, Mateu Janú de. Às vezes quero acabar com a academia.... Manuscrito, 2021b.

LIMA, Mateu Janú de. Os pássaros se amostram aqui... Manuscrito, 2021c.

LIMA, Mateu Janú de. **Carta sem coragem**. Manuscrito, 2021d.

MASSEY, Doreen. Sentido Global de Lugar. *In*: ARANTES, Antônio A. (org.). **O espaço da Diferença**. Campinas: Papyrus, 2000. p. 176-185.

MASSEY, Doreen. **Pelo espaço**: uma nova política da espacialidade. Tradução Hilda Pareto Maciel, Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOVIMIENTO. Compositor e intérprete: Jorge Drexler. *In*: Salvavidas del hielo. Intérprete: Jorge Drexler. Madrid: Warner Music Spain, 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IIGRyRf7nH4>. Acesso em: 29 nov. 2021.

NERUDA, Pablo. É muito cedo. *In*: NERUDA, Pablo. **Para nascer nasci**. São Paulo: Difel, 1979. p. 6.

NERUDA, Pablo. **VIII**. [Valparaíso]. [S. l.], Universidad de Chile, [19--]. Disponível em: <https://www.neruda.uchile.cl/obra/obracantogeneral44.html>. Acesso em: 22 jul. 2021.

SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. *In*: SANTOS, B. de Sousa; MENESES, M. P. (org.). **Epistemologias do Sul**. Coimbra: Almedina, 2018. p. 23-72.

VIAJO PORQUE PRECISO, VOLTO PORQUE TE AMO. Direção: Marcelo Gomes, Karim Aïnouz. Produção: João Vieira Jr. e Daniela Capelato. [S. l.]: Espaço Filmes, 2009. (75 min.), son., cor. Disponível em: <https://www.netflix.com/title/81380260>. Acesso em: 19 dez. 2021.

## APÊNDICE

**Fotografia 13** - Daniel vivia viajando, mas se estabeleceu em Cabo de Santa Marta há cerca de 3 anos. Hoje ele tem uma filha de 2 anos e está esperando que ela cresça um pouco mais para voltar para a estrada.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

**Fotografia 14** - Serra do Rio do Rastro - SC a noite. Foto de longa exposição faz com que as luzes dos carros fiquem espalhadas, trazendo a ideia de movimento.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

**Fotografia 15** - Foto noturna de longa exposição com as luzes dos veículos passando pela rodovia. Cidade de Florianópolis - SC ao fundo.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

**Fotografia 16** - Entardecer numa praia de Cabo de Santa Marta - SC, um dos dias mais especiais da viagem.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

**Fotografia 17** - Sombras minha e do Xolotl enquanto visitávamos uma falésia em Torres - RS.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.

**Fotografia 18** - Pôr do sol visto de cima de um sambaqui. Cabo de Santa Marta - SC.



Fonte: Arquivo pessoal, 2021.